

VALDEMAR SGUISSARDI: ORIGENS, FORMAÇÃO, ESCOLHAS, MILITÂNCIAS E EXPERIÊNCIAS – UMA ENTREVISTA*

Valdemar Sguissardi: Origins, Education, Choices, Militancies, and Experiences – an Interview

BRUNO PUCCI

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
bpucci@unimep.br

CESAR ROMERO AMARAL VIEIRA

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
crvieira@unimep.br

CLEITON DE OLIVEIRA

Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP
cleolive@unimep.br

RESUMO Valdemar Sguissardi, em entrevista a seus ex-colegas de PPGE/Unimep, no primeiro semestre de 2011, logo após sua aposentadoria na Instituição, traz-nos informações, lembranças, notícias e revelações surpreendentes sobre momentos decisivos de sua vida, desde a infância na zona rural de Sananduva, RS, a formação juvenil no Seminário dos Capuchinhos e a graduação em Filosofia na Unijuí, até o estágio de mestrado e doutorado em Paris, a intensa e extensa atuação acadêmica: na UEM, na UFSCar e na Unimep. No depoimento de Sguissardi evidenciam-se detalhes históricos e pessoais sobre sua produção científica e atuação acadêmica, sobre a militância estudantil, sindical e política; e, sobretudo, torna-se inesquecível sua presença – sábia, dedicada e festiva – entre nós.

Palavras-chave VALDEMAR SGUISSARDI, PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, PESQUISAS SOBRE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO, MILITÂNCIA SINDICAL E POLÍTICA.

ABSTRACT In an interview to his former colleagues in the Graduate Program in Education (Unimep), in the first semester of 2011, following his retirement, Valdemar Sguissardi brings us information, memories, news, and surprising revelations about decisive moments of his life – his childhood in the countryside of Sananduva, Rio Grande do Sul, his Seminar education, his degree in Philosophy, his Masters degree and doctorate in Paris, his intense and extensive academic work in three universities (UEM, UFSCar, and Unimep). In Sguissardi's testimonies we find historical and personal details about his scientific production and academic work, about his student, unionist, and political militancy. Above all, his wise, dedicated and cheerful presence among us is unforgettable.

Keywords VALDEMAR SGUISSARDI, GRADUATE PROGRAM IN EDUCATION, RESEARCHES ON HIGHER EDUCATION IN BRAZIL, POLITICAL AND UNIONIST MILITANCY.

* A parte técnica da entrevista e a transcrição foram realizadas por Thiago Antunes Souza, graduando em Química-Licenciatura da UNIMEP.

BRUNO – Estamos aqui com o professor Valdemar Sguissardi para uma entrevista sobre suas atividades acadêmicas. Pesquisando seu *curriculum*, observamos que são 43 anos de ensino superior e muita produção acadêmico-científica. Os entrevistadores somos Cleiton de Oliveira e César Romero, do PPGE/Unimep, eu, Bruno Pucci, e nosso técnico Thiago Antunes Souza. Muito bem, Valdemar, talvez você pudesse começar falando um pouquinho de suas origens. Eu vi em seu *Memorial* apresentado ao concurso de professor titular da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 1992, que você nasceu em Sananduva, na zona rural, em 1943, é o sétimo de doze irmãos, filhos de uma família de origem italiana do lado paterno. Fale-nos um pouco sobre esses elementos relacionados com sua formação infantil.

VALDEMAR – A oportunidade desse memorial foi muito interessante porque me obrigou a repensar minha vida e o porquê de minhas escolhas, o porquê de chegar aonde cheguei. A partir da tese da reprodução social de Bourdieu – quem é pobre vai ascender até certo ponto, quem for da classe média vai até outro ponto e quem for de elite vai a um ponto mais além, isto como regra geral –, diria que hoje me encontro num nível de certa exceção de trajetória. E por que isso se dá? Isto, na minha interpretação, porque qualquer leitura do passado é uma reinterpretação do passado a partir do que a gente estudou, do que a gente leu e viveu. Marx, nesse sentido, me ajudou muito a interpretar meu passado. Eu sou, portanto, filho de uma família de pai de origem italiana, mas de mãe de origem portuguesa e sempre se dizia que a avó da mãe, ou mãe da mãe, era índia caingangue. Tenho tios e irmã com claros traços indígenas... Então era uma família parcialmente de origem italiana e isso teve consequências no seminário, como falarei mais tarde. Essa família era de doze filhos, porque vivíamos na roça e nela se dá melhor quem tem muitos filhos, filhos homens. Geralmente a classificação social ou socioeconômica das famílias rurais passa pelo número de filhos homens. Nós tínhamos terra suficiente para a sobrevivência; eram uns 25 alqueires... Ali nós produzíamos, para a sobrevivência: porcos, trigo e vinho, tudo para o gasto; nas boas safras, também para a venda.

BRUNO – Vinho doce?

VALDEMAR – Seco... Além do consumo anual, vendiam-se as sobras. O mesmo se dava com os porcos, criados à base de milho e lavagem (restos de comida, mandioca, abóbora e farelo de milho). Cedo me dei conta do sofrimento que era trabalhar na roça, numa região em que faz quase trinta dias por ano de temperaturas em torno de zero grau. Portanto, tem muita geada e a colheita do milho, por exemplo, dava-se na época da geada... Por aí... De tal forma que uma criança desde os cinco, seis anos, desde que começa a poder manusear uma enxadinha, já vai para a roça ou tem que ficar em casa “descascando” e debulhando milho para os porcos, galinhas, e, para isso, não existem férias nem Natal nem Ano Novo... A vida na roça não tem férias: os porcos, as galinhas, o gado comem todos os dias. E comecei a me dar conta de que o pessoal da cidade que trabalhava nas lojas comerciais – o padre, o prefeito e o advogado – não tinha essa vida tão dura e, além disso, os mais privilegiados usavam óculos... Disso me dei conta naquela época. Eu tinha então

oito anos... Estudávamos numa escola rural. Havia uma escola rural a quatro quilômetros de distância de nossa casa. Para chegar até ela tínhamos que atravessar poteiros (potreiro é lugar de criação de porco, gado, enfim); tínhamos de passar no terreiro de casas com cachorros bravos. Enfim, todo dia, quatro quilômetros, chovendo, não chovendo, a gente ia para a escola de série única, aquela escola rural “Irmãos Andradas”, ao lado da capela N. Sra. Aparecida. Um dia, num mês de agosto, 1952, fiquei em casa com gripe. Era um dia muito frio. Eu, gripado, acabei não indo à escola. Na hora do almoço, meu pai e meus irmãos mais velhos voltaram da roça para almoçar. Os que tinham ido à escola também. Terminado o almoço, a gente ficava em torno do fogão nos dias de frio. Meu pai voltou-se para os que tinham ido à escola e perguntou: *Bom e daí? Como foi a escola hoje?* E meus irmãos falaram: *Hoje foi legal, estive lá um padre vendo quem queria ir para o seminário; vendo quem tinha interesse em estudar para padre.* E o pai: *Bom e daí, quem de vocês quer estudar para padre?* E eu, que não tinha ido à escola, mas tinha recebido um santinho do padre Champagnat, fiquei, assim, pensando rápido: *O cara me manda um santinho...* E naquela hora me veio a ideia de que era hora de eu cair fora do sofrimento da roça. Eu era bastante fraco fisicamente, de saúde. Sofria demais com o frio. Então, meio baixinho, mas convicto, falei: *Eu!* O pai falou: *Quer mesmo?* Respondi: *Quero!* E meu pai: *Então domingo a gente vai falar com o padre vigário. Vamos ver isso!* No domingo seguinte fomos à missa na igreja matriz de Sananduva. Terminada a missa, fomos à casa canônica. Frei Gregório, que era um cara de origem italiana, um metro e noventa e poucos de altura, capuchinho, barba longa e grande tocador de gaita, nos recebeu. Lá pelas tantas ele perguntou: *Bom, mas como é que você teve essa ideia?* Respondi: *Foi lá na escola...,* e mostrei o santinho do Padre Champagnat. Então ele disse: *Mas essa ordem não é a minha [marista]... Não é comigo [capuchinho]...* E, na hora, com oito anos, respondi: *Não, mas eu quero ser como o senhor!* Então ele disse que em fevereiro...

CLEITON – Você tinha quantos anos?

VALDEMAR – Oito anos. Isso foi em agosto de 1952. Bom, voltamos para casa, minha mãe preparou o enxoval: duas calças, duas cuecas, duas meias, aquelas coisas! Sapatos, chinelos. Num domingo fui ao terço – a gente ia para a capela N. Sra. Aparecida para brincar com a criançada e, ao mesmo tempo, tinha o terço da tarde. Nisso chegou um meu irmão mais velho, correndo. Disse que tinha chegado o jipe do fulano de tal (um dono de moinho de trigo da cidade que tinha um jipe *aero-willis*), e que ele estava lá em casa esperando para me levar para o seminário... Corri para casa, quatro quilômetros. Fui com meu pai, de jipe, para uma pensão na cidade. Dormi no corredor da pensão, que estava lotada. No dia seguinte, antes do clarear do dia, pegamos um caminhão de carga de madeira do filho do dono da pensão, um Ford F7, e fomos até Lagoa Vermelha. Depois começou a chover. O caminhão não podia mais passar nas estradas. Não havia asfalto. Então fomos de ônibus para Vila Flores, distrito de Veranópolis, onde ficava o seminário. Cheguei lá em fevereiro de 1953 (portanto com nove anos) e fiquei no seminário. Rapidamente me adaptei, porque comecei a ver a possibilidade de estudar e ser como aqueles lá: o padre, o prefeito, o

advogado... que podiam ter uma vida mais fácil, mais tranquila do que a vida que se levava lá na colônia, na roça, em que se tem no máximo o curso primário.

CLEITON – Você estava no primeiro ano primário?

VALDEMAR – Eu entrei no seminário tendo já feito o segundo. Mas ao chegar lá, pediram que eu o refizesse. Refiz o segundo ano. A professora era a irmã Helena da Cruz. Terminado esse ano, como me havia me destacado um pouco, mandaram-me para o quinto ano... Na época, o primário tinha cinco séries (lá no seminário, pelo menos). Frei Hugolino de Garibaldi era o professor. E aquela história dos óculos foi interessante, porque um dia eu estava disputando... Criam-se times, dois grupos, os melhores ficam na frente e aí se monta o time. Pegam-se os dois melhores em determinada prova, que é feita logo nos primeiros dias de aula. Um escolhe fulano; o outro, sicrano (como se forma um time de futebol de pelada ou várzea)... E os melhores ficam na frente e os piores, atrás [risos]. E eu estava disputando o primeiro lugar com o primeiro do outro grupo, um tal de Reinaldo Gnoato. Um dia ele faltou e eu perguntei para o professor por que ele não tinha vindo. O professor respondeu que ele tinha ido a Veranópolis, ao oculista... Aquilo me arrepiou e de imediato pensei: *Pronto, ele vai voltar de óculos e vai me ganhar!*

CLEITON – [Risos] Pronto, passou na frente!

VALDEMAR – Saí dali e comecei a observar se eu também não tinha algum problema de vista. Olhava letreiros etc. Passou. Mas essa história vai voltar mais de dez anos depois... Enfim, fiquei dois anos ali no Seminário de Vila Flores. Depois fui para Veranópolis, onde havia o seminário em que se faziam os três primeiros anos do ginásio: primeira, segunda e terceira séries ginasiais. Fiz os três anos lá em Veranópolis, depois fui para Vila Ipê, perto de Antônio Prado, e ali fiz o quarto ano ginásial e o primeiro colegial. Em 1960, antes de fazer o segundo colegial, fui fazer o noviciado, que era um ano só de oração, reflexão... Com dezesseis anos. Um ano inteiro de reflexão e de trabalho na roça (porque no seminário os capuchinhos tinham o trabalho na roça, o trabalho de horta, de criação de porcos, galinhas, enfim, era um trabalho...) Era praticamente o mesmo trabalho que se fazia lá na colônia, mas ali eu estudava junto com dezenas, centenas de colegas, com a clara perspectiva de um dia não precisar mais trabalhar na roça e ser padre, professor, enfim alguma coisa... Terminado o noviciado, fui para Marau, convento já, pois já éramos religiosos; tínhamos feito a profissão simples, os votos religiosos, ao final do noviciado.

CLEITON – Qual o nome do convento?

VALDEMAR – Marau, perto de Passo Fundo. Ali se faziam o segundo e o terceiro colegiais. Era o chamado curso clássico com grego. Além do latim, estudava-se também o grego. Fazíamos química, física, astronomia. Tinha um astrônomo em Passo Fundo, com um observatório astronômico, Prof. Bordignon. Este foi nosso professor de astronomia. Terminado o terceiro colegial, fui para Ijuí

BRUNO – Só uma coisinha, vocês faziam votos?

VALDEMAR – Sim, votos simples que valiam por três anos, após o que se fazia a profissão solene, definitiva. Mas a profissão solene podia ser adiada. Adiei-a por dois ou três anos... Era uma ordem religiosa, com votos de pobreza, obediência e castidade. De tal forma que fui para Ijuí para fazer o vestibular, em 1963. O vestibular constava de latim, filosofia, lógica. Para o curso de Filosofia da FCL de Ijuí. Classifiquei-me bem... Os capuchinhos de Ijuí já tinham criado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, origem da atual Unijuí, e os religiosos, capuchinhos, tinham que fazer o mesmo exame que os leigos para entrar. Ali fiz três anos de filosofia. E, em Ijuí, naquela época, era regime de seminário, roça, horta e mais a faculdade. Esta estava envolvida desde 1961 (cheguei em 1963) com o chamado *Movimento Comunitário de Base*, coordenado pelo Frei Matias de São Francisco de Paula, que, ao deixar a ordem, veio a se tornar o conhecido Mário Osório Marques. Ele era o diretor da Faculdade, tendo conseguido envolver a todos, professores e alunos, em movimentos de organização social. Primeiro, com associações de bairro, moradores de bairro; depois, com uma associação infantil. Criou-se uma biblioteca infantil. Depois veio a *Frente Agrária Gaúcha*, a FAG, a organização dos pequenos agricultores em sindicatos, associações. E os núcleos. Organizaram-se em Ijuí, nessa época, cerca de oitenta núcleos de agricultores, com reuniões quinzenais, para discutir os problemas da terra, os problemas da economia. E nós, estudantes, fazíamos a opção de nos ligar a um tipo de organização: ou com o movimento dos bairros ou com o movimento de organização dos agricultores ou da educação infantil. Eu me envolvi com o movimento dos agricultores. Então participei da organização da *Frente Agrária*. Nessa época havia todo um movimento da UNE, da alfabetização de adultos, dos *Centros Populares de Cultura* (os CPCs). Organizamos lá, em 1963, com a coordenação da *União Estadual de Estudantes* e a *União Gaúcha de Estudantes Secundários*, uma Semana de Cultura Popular. O presidente da UEE era Francisco Ferraz e o vice-presidente, Héglio Trindade. Um dos líderes dos secundaristas era José Luiz Fiori, hoje economista importante, filho do filósofo Ernani Maria Fiori, que foi nosso parainfo de formatura em dezembro de 1966... Sob o *slogan* da *Aliança Operária Estudantil Camponesa*, organizou-se uma semana cultural na qual se debateram os grandes problemas da época. Havia debates sempre e quem os coordenava era, geralmente, o Fiori, com uns 17 anos... Essa foi a época da minha politização, todo esse período de 1963, das reformas de base, da reforma universitária e outras. E o lançamento do jornal *Brasil Urgente*, aquele jornal dos dominicanos de São Paulo, liderados pelo Frei Carlos Josaphat. Nesse ano me envolvi também com o grupo de teatro do Diretório Acadêmico. Criou-se um grupo de teatro para agricultores. Teatro em geral, mas a gente utilizou todo o ano de 1963 para motivar os agricultores a se organizarem. Então, no sábado à noite, aos domingos... Nós anunciávamos através do programa de rádio (era o programa de rádio para agricultores que eu ajudava a fazer...) Anunciávamos a realização da apresentação teatral dos estudantes da Fafi, nas capelas, por exemplo. O grupo de teatro (aproximadamente uns trinta) ia na carroceria do caminhão dos capuchinhos, um Mercedes Benz dirigido pelo Frei Virgílio. Chegávamos ao local, abríamos a carroceria, transformada em palco, e, ali, com a adaptação de letras para

músicas populares, apresentávamos pequenas peças teatrais sobre economia, agricultura, desenvolvimento, cooperativismo. Durava uma hora e meia, duas horas, e a gente ficava apresentando, tocando violão, cantando. Eu fazia parte do jogral. A gente pegava aqueles poemas, por exemplo, de Vinícius de Moraes, do Ferreira Gullar, Moacyr Felix, Affonso Romano de Santana etc. e declamava e fazia jogral. Esses poemas estavam todos compilados em dois *Cadernos do povo brasileiro – Violão de Rua e Poemas para a Liberdade* – organizados pelo CPC da UNE e editados pela Civilização Brasileira (1962). Os diretores desses *Cadernos* eram o filósofo Álvaro Vieira Pinto e o jornalista Ênio da Silveira.

BRUNO – Em seu memorial você fala muito desses poemas!

VALDEMAR – Pois é, porque foi algo que me marcou muito. E, ao final, debatia-se o que era apresentado, as questões colocadas ali pelos agricultores. Eram trezentos, quatrocentos, às vezes até quinhentos. Eu participava do jogral e era também relator; fazia o relatório de cada apresentação, como tinha sido, as pessoas presentes, o debate, tudo. E fui montando, porque esse relatório também servia como trabalho de fim de ano, como monografia do “Departamento” a que cada aluno se vinculava. Todos os anos nós tínhamos de apresentar... Tínhamos “Departamentos” ou núcleos de pesquisa. O nosso era o de Ciências Sociais, coordenado pelo Frei Matias. Isso foi até 1963. Em março/abril de 1964 veio o golpe militar e tivemos que suspender todo esse tipo de atividade. Estávamos preparando a peça: *Tiradentes*. Precisamos suspender tudo porque havia problemas, vários professores foram presos... Todo esse movimento de organização de agricultores passou a ser de forma mais fechada, interna. Eles vinham para a faculdade e faziam-se seminários sobre economia, mas tentando evitar a politização excessiva para não termos problemas com a repressão. Isto até 1966, quando só faltava um ano para eu me formar. Faltava o quarto ano. Então pedi para sair do seminário, para passar um ano fora, porque, depois do Concílio Vaticano II, houve certa liberalização nos seminários e nós podíamos, ao invés de sairmos de uma vez, sair um ano, voltar e dar continuidade, ou não voltar. Ao sair, fui para a casa de minha família em Sananduva...

CLEITON – Foi o esquema do “três mais um”?

VALDEMAR – Exatamente. Deixei de fazer algumas disciplinas. Cheguei a Sananduva... O pessoal não sabia o que fazer diante da expectativa frustrada... Por acaso, passava por ali, em viagem de núpcias, uma irmã minha que morava em Paranavaí, no norte do Paraná. Ela e meu cunhado me convidaram. Disseram: *Você não quer ir para lá com a gente? Vai lá ser professor, vai fazer seu estágio lá dando aula, falta muito professor por lá. A gente se arranja, dá um jeito. Fica lá conosco!* Então fui para Paranavaí. Cheguei lá e meu primeiro trabalho foi como professor do cursinho pré-vestibular da Faculdade que acabava de ser aberta, para o primeiro vestibular da Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Paranavaí. Fui professor de Filosofia, Lógica e Latim, exatamente as disciplinas cobradas no vestibular naquela época. Lembro bem de quem me contratou: Dr. Aldo Silva Júnior e sua esposa Marisa, um casal de advogados. Em seguida, consegui aulas no Colégio

Estadual de Paranavaí, em substituição ao diretor que estava abrindo mão de uma turma de português, da primeira série ginasial. Fiquei responsável por quatro turmas de português da primeira série ginasial para dar aula e poder fazer o meu estágio, do qual depois eu falo... Paranavaí tinha uns cinquenta mil habitantes, acredito. A setenta quilômetros de Maringá. Maringá era a cidade mais importante da região. Londrina e Maringá eram polos regionais, como até hoje. As cidades próximas eram Cianorte, Umuarama, Campo Mourão e Paranavaí. Todas elas mais ou menos do mesmo tamanho, cinquenta mil habitantes, digamos. Em Paranavaí foi criada uma faculdade de Filosofia municipal em 1966. Além das aulas no Colégio Estadual, consegui aulas de português também no Seminário dos Franciscanos, num distrito de Paranavaí: Graciosa dos Catarinenses. Eu pegava o ônibus junto com um “japonês” chamado Fernandes Kayamori... Ele dava aula de ciências e eu, de português. Bom, para meu estágio supervisionado tinha que pegar uma turma e lecionar português. Visitei todas as famílias dos alunos por duas vezes e desenvolvi aquilo que se chamava à época uma proposta de filosofia de educação... Era uma proposta teórica. Depois eu tinha que fazer o levantamento socioeconômico familiar de todos os alunos, conhecer todas as famílias. Enfim, deu um relatório de mais de duzentas páginas, que levei à professora de Prática de Ensino da época. Ela se chamava Eronita Barcelos (mais tarde, reitora da Unijuí). Fui aprovado e me formei nesse ano em Ijuí. Fui quem leu o juramento no dia da formatura.

BRUNO – Você estava com 23 anos?

VALDEMAR – Estava com 23. Formei-me em dezembro de 1966 e em janeiro de 1967 fiz um curso de português da Cades, um programa da Capes que treinava e certificava professores leigos para as primeiras séries ginasiais... Fui fazer esse curso em Bento Gonçalves. Foi aí que uma das professoras da UFRGS (passei em Porto Alegre) me disse: “Olha, o melhor seria você fazer um curso de Letras ou, então, ir fazer o doutorado no exterior”. Sei que voltei decidido a fazer o curso de Letras...

CLEITON – Em Paranavaí?

VALDEMAR – Em Paranavaí, onde tinha o curso de Letras, porque estava crente que, como filósofo, eu teria pouco trabalho, pouca disciplina, somente no segundo grau clássico. E fui me inscrever. Quando cheguei lá para me inscrever no vestibular de Letras, o secretário viu meus documentos e disse: *Eu estou vendo aqui que você tem curso superior!* E eu disse: *É, eu tenho, sim. Acabei de me formar.* Ele pediu para eu aguardar um momento, foi lá para dentro e voltou em seguida, dizendo: *O diretor quer falar com você.* Entrei, fui falar com o diretor e ele: *Ó, eu vi aqui que você já é formado; dei uma olhada aqui, você tem direito de lecionar várias disciplinas: Didática, Prática de Ensino, Sociologia, Filosofia... Ao invés de aluno, você não quer ser nosso professor?* Topei na hora e fui ser professor de Prática de Ensino e de Didática. Imaginem, fui lecionar Didática e a maioria de meus alunos – era segundo ano – era formada de professores da velha guarda do Colégio Estadual, todos meus colegas, mais velhos que eu, muito mais experientes no ensino que eu. Pois é, e eu iria ensiná-los como dar aula [risos]. Como é que eu fiz? Como eu tinha aprendido bas-

tante naquele cursinho lá em Bento Gonçalves, pensei: vou pôr essa turma para trabalhar em grupo; vamos planejar em conjunto; vamos trabalhar em grupo. Não tive outra saída, senão dizer: *Olha, eu estou aqui porque tenho um curso superior; mas quem deveria estar aqui eram vocês, que têm mais experiência didática. Vamos juntar as coisas. Fazemos o planejamento juntos e eu, como tenho todo o tempo para me preparar, vou estudar, e vocês vão me ajudar a organizar.* Foi fantástico, deu tudo certo! Foi nesse período que tive problema de vista de fato. Fui ao oculista e, no final, ele disse: *Infelizmente, você vai ter que usar óculos!* E eu lhe perguntei: *Infelizmente, por quê?* [Risos.] Usar óculos era tudo o que eu queria desde os 7 anos... [risos]. De tal forma que nunca me incomodou o uso dos óculos. Os óculos me deram muito mais segurança para dar aula e nos dias de prova. Recentemente, após uma banca, alguém observou que, quando eu estou sem óculos e de repente os coloco para fazer um comentário, fico mais exigente [risos]. Brincadeira!... Então é isso...

CLEITON – Bom, você lecionou quanto tempo em Paranavaí?

VALDEMAR – Em Paranavaí, 1967, comecei a lecionar na Faculdade e continuei a lecionar no Colégio Estadual. Agora não mais Português, mas Filosofia, Sociologia para o curso científico clássico. Na Faculdade, durante o ano de 1967. Veja como é: fui lecionar Didática. Não era minha área. Minha área seria Filosofia, um pouco de Sociologia (porque a gente estudava bastante Sociologia lá em Ijuí). Aí pensei: vou ter que me especializar; tenho de fazer algum curso de pós-graduação. Consegui dispensa de uma semana para ir a São Paulo e ao Rio de Janeiro para ver um curso de pós-graduação. Isso foi em 1967. Fui à PUC do Rio, que já tinha criado um mestrado, mas não era na área que eu estava procurando. Então fui para São Paulo, lá na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, que ainda funcionava na Maria Antônia. Fui informado de que eles estavam com a segunda turma de um curso de Metodologia de Ensino Médio, com base em Piaget, coordenado pela Amélia Domingues de Castro, e achei que esse era o curso. Então me inscrevi no início de 1968. Fui a São Paulo, hospedei-me no escritório de contabilidade de um parente, que tinha uma madeireira no Mato Grosso e vendia madeira em São Paulo. Ali eu dormia num sofá de plástico... Comecei estudando na Rua Maria Antônia. Ali estavam o Florestan Fernandes, o Fernando Henrique Cardoso. De vez em quando a gente tinha algum curso com eles. Isto até meados de agosto, quando houve a briga com os estudantes do Mackenzie, a famosa “guerra” da Maria Antônia, e nós fomos obrigados a sair de lá... Foi fechada nossa escola ali. Fomos para o CRPE/SP, que era o Centro Regional de Pesquisas Educacionais, que funcionava onde é hoje a Faculdade de Educação da USP, na Cidade Universitária. Ali passou a funcionar o curso de pós-graduação. Havia ali a biblioteca do CRPE/SP. Eram meus colegas (lembro-me de alguns) a Marli André, o Nélcio Parra, o Newton Balzan, a Tereza Marini... Para sobreviver eu tinha sobras do ano anterior. Saí do seminário e não sabia nem usar dinheiro... Tudo o que ganhei, economizei. Salvo engano, a Faculdade de Paranavaí manteve algum pequeno salário que eu deixava para o sustento de minha mãe. No ano seguinte, em 1969, as aulas eram às quintas-feiras e eu voltei a assumir as aulas na Faculdade.

CLEITON – Ainda em Paranavaí?

VALDEMAR – Sim, ainda em Paranavaí. Toda quarta à noite eu pegava o ônibus, da Garcia, e, depois de dez horas de viagem, descia na rodoviária de São Paulo. Da rodoviária pegava outro ônibus e ia para a Cidade Universitária. Ali chegava em torno das nove horas, assistia às aulas da manhã e da tarde. Ao final da tarde ia de ônibus para a rodoviária e à noite pegava outro ônibus de volta para Paranavaí. Dava oito horas de aula na sexta-feira em Paranavaí. No ano seguinte, já na UEM, cheguei a dar 36 horas/aula por semana, na universidade e na Escola Normal de Maringá, e na Fafi e Colégio Estadual de Paranavaí.

BRUNO – Agora, 1968, em São Paulo. Conte um pouco sobre isso.

VALDEMAR – Bom, em 1968 eu estava ali na Maria Antônia. Todo o movimento estudantil se concentrava, principalmente, na Maria Antônia e na Faculdade de Geografia e Ciências Sociais da USP, na Cidade Universitária. Lembro-me do José Dirceu, do Álvaro Moisés e de uma porção de gente que era liderança na época. Eu me envolvi com a esquerda, com esses grupos na Pedagogia... Ah, sim, além do curso de pós-graduação, eu fazia algumas disciplinas do Curso de Pedagogia. Fui aluno do Azanha, do Villalobos, do Antunha, do Roque Spencer, e com isso me envolvi com o pessoal da Pedagogia. O pessoal da pós-graduação, que era menos organizado, era todo ele de professores, já com Pedagogia. De tal forma que, quando chegou o Congresso de Ibiúna, fui destacado como delegado substituto; caso o delegado da Pedagogia não pudesse ir, eu iria no seu lugar. E, morando nesse escritório de contabilidade, que ficava no prédio da esquina da Cardoso de Almeida com a Francisco Matarazzo, nas Perdizes, recebi, numa sexta-feira, os delegados de Viamão (diocesanos), de Ijuí (capuchinhos), de Santa Maria (que não sei de que ordem eram). Vieram todos para o meu “canto” ali...

BRUNO – Seu cubículo!

VALDEMAR – E eu disse para eles: *Olha, eu ouvi falar que vai haver repressão, e séria!* E eles: *Ah! Nós vamos de qualquer forma.* Teve um (se não me engano, hoje é bispo) que na época falou (todo o pessoal do seminário falava dialeto italiano, vêneto) mais ou menos assim, em dialeto: *No sono venuto fino qui, per non andare fino li!* [risos]. Liguei para os dominicanos. Lá estava o Valderi Ruviaro, que era um cara de Restinga Seca, lá perto de Santa Maria, RS. Tinha sido nosso colega capuchinho lá em Ijuí, mas resolveu mudar para a ordem dominicana. Ele achou que os dominicanos eram mais... que levavam mais a sério a vida religiosa, e veio para o convento dos dominicanos das Perdizes, São Paulo. Liguei para ele que, de fato, confirmou: as informações que tinha era de que haveria repressão e pelo Exército. Então não fui para Ibiúna, mas meus colegas do Sul foram. Isso foi numa sexta-feira. Sei que, na terça-feira, eu me lembro de ter ido a Santos, num forte de lá, que virou cadeia, visitar meus amigos ali presos. Então me envolvi com a organização das passeatas contra os Acordos MEC-USAID, na Praça da República. Como eu fazia parte de grupos que organizavam, mas que ficavam só andando por fora da passeata propriamente dita, por duas vezes a polícia me pegou... Mas nas duas vezes consegui provar que eu

era professor da Fafi de Paranavaí. Eu tinha carteira, tinha notas de compra de livros para a Faculdade (para provar que eu tinha ido comprar livros para Faculdade) e que estava só assistindo, como todo mundo ali na praça... E os caras me soltaram. Bom, fiz cursos, neste período, com o Florestan Fernandes, no Colégio Santa Cruz, nos fins de semana; com o Joel Martins, na PUC também. Na PUC, aproveitei e fiz um curso de especialização. Fiz extensão com o Lauro de Oliveira Lima. Enfim, foi uma experiência muito rica, porque fiz o curso e, ao mesmo tempo, como digo no *Memorial*, foi uma experiência importantíssima para mim, que vim lá da roça e de repente estava envolvido... Em São Paulo foi isso. Estudei bastante Piaget e dinâmica de grupos. O Carl Rogers, o Cartwright... havia uma porção de outros autores. Quando chegou ao final, fiz um trabalho de fim de curso sobre o tema da dinâmica de grupo e a escola. Lembro-me que fiz um trabalho que deveria ter publicado, mas não publiquei, um estudo para uma disciplina. Fiz um estudo sobre o livro do Piaget *Sabedorias e ilusões da Filosofia*, que li em francês. Quem tinha escrito um pouco sobre Piaget era a Maria da Penha Villalobos, um livro sobre a didática em Piaget, uma coisa assim. Eu tinha lido também um livro de Fougeirolas, *Por que Filosofia?* Enfim, juntando essas coisas, consegui fazer a crítica do livro dele, porque ele era fundamentalmente um – como diria – um biologista. Ele era muito mais pelo método científico, muito próximo do neokantiano Ernest Cassirer. De fato, não entendia o que era a filosofia e seu papel... O que é filosofia? Toda vez que criticava a filosofia, ele a criticava porque esta não lhe dava o que ele exigia dela: respostas científicas. Vários colegas em anos recentes o leram e acharam que eu devia publicá-lo, por sua validade ainda atual, mas acabei não publicando. Está entre meus guardados... Esse curso era como um curso de pós-graduação. Quem o tivesse feito podia fazer direto o doutorado. Optei por ir fazer o doutorado na França...

BRUNO – Antes de você entrar na UEM... deixe-me levantar duas questões para você responder rápido. Primeiro, você já era marxista nesse período ou o marxismo só foi aparecer mais tarde? Segundo, que importância teve em sua vida pessoal e profissional toda essa experiência que você viveu no seminário?

VALDEMAR – Primeira questão: comecei a estudar Marx por curiosidade, ainda na Faculdade em Ijuí. A grande curiosidade, ou dúvida, era a seguinte: como conciliar as obras de Bigo, Calvez, grandes autores jesuítas, que escreviam para tentar negar Marx por seus supostos equívocos científicos ou filosóficos, com a existência de personagens importantes para mim, que eram marxistas (Sartre, Oscar Niemayer)... Lembro-me que pensava assim: como esses caras tão bons são marxistas? E Cuba? Cuba, para mim, era admirável. A Revolução Cubana sempre nos empolgou em Ijuí. A gente ia para piqueniques ou para o trabalho na carroceria do caminhão, cantando músicas cubanas, sempre. No meu imaginário foi muito legal! Mas daí, então, passei a estudar Marx para fazer um trabalho de fim de ano para uma disciplina, um trabalho sobre a alienação religiosa em Marx. Por isso li Calvez e Bigo e outros autores dos quais já não me lembro mais. Estudei para discutir a questão da alienação e da alienação religiosa, muito mais para entender e tentar fazer a crítica. Mas eu ainda não era marxista; estava apenas conhecendo. Na USP, quando fui para a USP, consigo

ver, com a discussão política de marxistas e autores, que... Mas eu não diria que me tornei marxista tão rápido, porque tudo passou pelo meu envolvimento político, que começou ainda em Marau, no final do segundo grau. Em Marau, comecei a me envolver com discussões políticas, participava das semanas ruralistas organizadas pelo Consulado Americano de Porto Alegre, e comecei a ouvir muito Brizola, que era anti-imperialista, que fazia um programa semanal de rádio apelidado de “sextasferinas”, quando governador do Estado... Teve a *Campanha da Legalidade*, em 1961, agosto, após a renúncia de Jânio e com a tentativa de impedir a posse de Jango Goulart, de que participei, em Porto Alegre, exatamente durante aquela semana toda. Alistei-me como voluntário na *Campanha da Legalidade* e comecei a me dar conta de que tinha alguma coisa errada no negócio dos americanos, da colonização, do imperialismo americano. Então minha politização começou... Eu já fazia programa de rádio em Marau, no qual a gente discutia essas coisas. Depois, em Ijuí, com esse envolvimento na organização de *Movimento Comunitário de Base*, a gente lia Marx. Também lia na organização popular, que era a JUC e a JEC, das quais me aproximei, e que tinha muitos textos do padre Lima Vaz, que, se não era marxista, era neo-hegeliano de esquerda, e textos de Lênin etc. De tal forma que comecei aí. Eu diria que o marxismo tornou-se claro quando comecei a me vincular a grupos de esquerda, principalmente um grupo, na França, que publicava um boletim chamado SEUL (Serviço Europeu de Universitários Latino-Americanos). A gente combatia a ditadura, denunciava a tortura, os desaparecimentos, todas essas coisas aí.

Sobre a influência do seminário na minha vida, aí tem várias coisas, mas a primeira delas é a disciplina do trabalho, do estudo. Aprendi a separar as coisas: a hora de estudar, estudar; a de trabalhar, trabalhar; a de jogar, jogar. E a capacidade de concentração. Lembro que às vezes o pessoal estava jogando pingue-pongue e eu, que sempre fui muito de leitura, pegava um livro de Júlio Verne ou de filosofia ou de literatura e sentava ali do lado. Ficavam jogando, tinha o barulho do jogo – tá-tá-tá – e eu lia sem problema. Outra coisa, no seminário, foi a cultura geral, a música clássica. Estudei música clássica o tempo todo. Lembro-me que, numa época, eu coordenava, aos sábados, audições das sinfonias de Beethoven. Fazia-se, depois, a discussão sobre a sinfonia, estudando, debatendo, comparando uma com outra. Enfim, todos aqueles autores clássicos: Beethoven, Mozart, Brahms, Verdi, Bach... Enfim, estudei muita música clássica. Só não me tornei um violinista, um pianista, porque não tenho talento para isso. Mas tentei clarineta, tentei violino, violão... Participei do coral em Ijuí. Então, cultura em geral, disciplina, concentração, como já falei. Basicamente foi isso.

BRUNO – E toda essa oportunidade de estudos que você recebe...

VALDEMAR – Exato. Ah! A questão da tolerância, porque lá no seminário mesmo eu comecei a perceber que era discriminado por não ser italiano de pai e mãe. Com esta cor e cara, era considerado “pelo duro”... “Pelo duro” é quem é português de pai e/ou mãe ou negro ou índio... Quem não for italiano de pai e mãe já é “pelo duro”, quer dizer, “cabelo duro” ou “pixaim”. Um irmão meu teve problemas sérios para namorar uma filha de italianos, lá na

minha cidade natal, porque nossa mãe não tinha um tipo italiano, tinha cabelo bem preto, era Carmo Ribeiro, aquelas coisas... Ele não pôde namorar, teve que fugir com a moça!

CESAR – Com base na pergunta feita pelo Bruno, sobre sua opção política, aproveito para levantar uma questão que, na verdade, estava deixando para mais à frente. No livro da Magda Soares, *Metalinguagens*, ela diz que só se percebe o “risco do bordado” depois de finalizado o bordado. A pergunta que faço é a seguinte: estava clara para você esta opção política já naquele momento da história? Ao ouvi-lo falar, fico com a sensação de que você já tinha uma opção política bem definida e que se deixou conduzir por ela em toda a sua trajetória acadêmica. Isso está claro para você?

VALDEMAR – Eu me lembro de ter lido o livro da Magda e também quase todos aqueles autores de que ela fala. Quanto à trajetória política, percebo que tive oportunidades que outros não tiveram. Muitos estudaram no seminário, lá no RS, mas nem todos tiveram a oportunidade, a chance de ver e viver um *Movimento Comunitário de Base*, como era o de Ijuí, que era modelo para vários movimentos... Antes de Mário Osório falecer, um dia fui até lá e contei a ele o que havia colocado no Memorial. E ele disse: *Vamos escrever, nós dois, sobre o Movimento Comunitário de Base?* E eu respondi: *Topo, na hora em que você quiser*. Mas depois ele faleceu...

BRUNO – Meu seminário, por exemplo, foi super conservador. Apoiamos a Revolução de 64; só um colega foi contra a revolução.

VALDEMAR – Ah! No memorial há aquele episódio, logo após o Golpe de 64, em que o Frei Matias, sendo eu responsável pela biblioteca do convento, encarregou-me de esconder os livros que poderiam ser considerados subversivos, caso a polícia militar invadisse o convento... Separei uns trinta, sessenta livros, encaixotei-os e recebi a ordem de escondê-los em lugar bem secreto e que eu não falasse nem para ele. Escondi os livros e sei que só depois de muitos anos, já na França, eu lembrei: *Pô, nunca falei para ninguém onde os escondi!* Só sei que foi somente dez anos depois que falei para o pessoal: *Tem uns livros escondidos lá e tal...* Mas já tinham reformado o convento e já tinham achado... Mas, voltando àquela questão de política, eu tinha consciência disso. Saí de Ijuí, fui para Maringá, para Paranavaí, depois vim para São Paulo. Ali me senti em casa. Envolvi-me com isso, sempre achando que eu tinha que estudar para ser um intelectual do movimento, um militante que dominasse a teoria. Quando voltei para Maringá, o clima estava muito difícil...

CLEITON – Tem que contar um pouquinho disso aí!

VALDEMAR – Pois é, eu terminei o curso em dezembro e em janeiro saiu o concurso para professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM), que acabava de ser criada. Foi criada no dia 15 de janeiro (1970), pelo governador Paulo Pimentel. Foram três: Londrina, Maringá e Ponta Grossa. Em junho de 2010 ele, eu e outros muitos fomos homenageados pelos 40 anos da UEM: ele recebeu o título *Honoris Causa* e eu fui um dos homenageados por ter sido o primeiro professor da universidade a sair para fazer pós-graduação no ex-

terior. Bom, em janeiro de 1970 fiz concurso, passei e fui um dos primeiros professores a serem contratados pela UEM.

CLEITON – Isso em 1970.

VALDEMAR – Eu tinha 26 anos. Um dos primeiros professores do Departamento de Letras a dar uma disciplina pedagógica, Prática de Ensino, foi o José Dias Sobrinho. Fomos colegas... Houve eleição para chefe de departamento. Acho que éramos seis ou sete professores. Sei que, no primeiro turno, ficamos empatados, eu e o Wilson Martins; na segunda votação eu ganhei por quatro a três e me tornei o primeiro chefe do Departamento de Educação, como já tinha acontecido em Paranavaí. Bom, em Maringá passei a lecionar disciplinas como Prática de Ensino, Didática (porque eu tinha chegado da pós-graduação em Educação) e Metodologia no Ensino Médio. Lecionei também na Escola Normal Secundária de Maringá. E comecei a batalhar uma bolsa da Capes, para a França, para fazer o doutorado, porque todos os colegas, como eu já disse, podiam fazer o doutorado direto sem fazer o mestrado. E fui para lá em setembro de 1970... Ah! Eu escrevi para três professores/orientadores. Escrevi para uma professora da Universidade de Bruxelas, para o professor Paul Arbousse-Bastide, que tinha trabalhado na USP, por indicação da Bernardette Gatti e da Maria José Garcia Werebe. Elas me deram o endereço dele. Escrevi para ele, lá na França. Ele era da área de psicologia social e eu queria estudar dinâmica de grupo, essas coisas. Escrevi também para o Instituto de Piaget, em Genebra, e quem me respondeu, pelo Piaget, foi um dos auxiliares dele. Os três me aceitaram como orientando, tanto a Universidade de Bruxelas, quanto o Arbousse-Bastide e o auxiliar do Piaget... E aí fiz a opção por Paris, porque... Eu não me lembro bem qual foi a razão.

CLEITON – Então foi setembro de 1970? Você ficou pouco tempo em Maringá?

VALDEMAR – Fiquei até setembro, antes de ir para a França. Depois voltei: no meio de minha estada em Paris e no final... Em Paris eu não conhecia ninguém. Fui falar com o Paul Arbousse-Bastide. Ele falava português (tinha feito parte da Missão Francesa na USP). Aliás, acho que essa foi uma das razões de eu ter optado por Paris, porque não dominava muito bem o idioma. Fui falar com ele e ele percebeu que o que eu queria mesmo não era com ele, era com alguém de Nanterre, da Universidade de Paris X, com o Jean-Claude Filloux, com o Gilles Ferry ou com o Jean Maisonneuve... Um pessoal da Psicologia Social ligado à Educação. Fui então para Nanterre. Ao chegar lá, o “cara” me aceitou com a seguinte condição: *Te oriento no doutorado, mas primeiro você vai fazer o mestrado, porque você vem da área de Filosofia. Você não fez Pedagogia, só umas disciplinas. Ao invés de você fazer o doutorado, aqui, meio apertado, fica mais um ano ou dois e faz os dois: mestrado e doutorado.* Achei uma boa ideia, mas pensei: *Eu vim para fazer o doutorado; como vou dizer para a Capes que agora vou fazer mestrado?* Achei que precisaria de ajuda para explicar à Capes. O Prof. Filloux se dispôs a fazê-lo, mas nem foi preciso: expliquei e o pessoal da Capes aceitou e pronto...

BRUNO – No mestrado você faz um estudo sobre educação de adultos na França e em Cuba? Por que educação de adultos?

VALDEMAR – Porque uma das coisas que me incomodavam – o marxismo e a Revolução Cubana, como disse, sempre mexeram comigo – era que eu tinha no passaporte um carimbo que dizia “Válido para todos os países, menos para Cuba” [risos]... E o passaporte era azul, era passaporte diplomático. Bom, ao chegar lá, havia uma colega cubana na classe e uma francesa que trabalhava no Ministério do Trabalho, sei lá, alguém que tinha conhecimento sobre educação de adultos na França. E eu disse: *Fazer um mestrado nessa área não me interessa. Eu quero conhecer Cuba, quero saber o que aconteceu nessa tal Revolução Cubana em termos de educação, na campanha de alfabetização etc. e na formação de adultos*. Enfim, juntei-me a Denise Moaty e fizemos este estudo comparativo da educação de adultos num país capitalista avançado e num país socialista pobre. E com todos os cuidados, porque, um ano ou dois antes, Bourdieu já tinha escrito aquele famoso artigo sobre a comparabilidade em educação. Lemos e tomamos todos os cuidados. Fizemos e valeu como um dos trabalhos do mestrado. O segundo (a gente podia fazer duas monografias, chamava-se de *Mémoire*), foi uma reflexão sobre experiências de dinâmica de grupos de sensibilização, grupos de diagnóstico. A gente fazia estágios de uma semana a dez dias em instituições fechadas. Gente de todas as áreas: economistas, médicos, policiais, estudantes. Ficávamos todos esses dias sob coordenação de um psicanalista, vivendo a experiência de viver em grupo. Dez dias num mesmo espaço. Ficávamos quatro, cinco horas, um olhando para o outro sem dizer nada. Enfim, como reagir a isso, como sobreviver, quando a imaginação faz com que o estudante pense que o policial é contra ele e vice-versa... E a gente analisava tudo isso. No final tínhamos que fazer um relatório crítico. Fiz um trabalho de cento e poucas páginas analisando essas três experiências, o que se aprende com isso e como isso é importante para... Três experiências, três estágios. Fiz três estágios. Desses três estágios eu fiz uma monografia, um *Mémoire*. Terminei o mestrado e comecei o doutorado. Quem me orientou foi o Jean-Claude Filloux; desde o mestrado foi meu orientador. Meus professores do mestrado, os mais importantes, foram Le Thanh Khoi, autor de um importante livro denominado *L'Industrie de l'Enseignement*. Vietnamita que se formou na Bélgica. Era professor de Economia da Educação e trabalhava na Unesco. Outro foi o professor Jean Beaussier, professor de educação comparada, que fazia programas educativos de rádio e de televisão. Foi ele que me encomendou o primeiro artigo que escrevi em francês, publicado lá, na revista *Orientations*, sobre Paulo Freire e Oscar Lewis, este um antropólogo culturalista americano. Desafiou-me: *Vous connaissez Polô Ferrê?* Depois de um tempo caiu a ficha: *Sim, Paulo Freire, conheço*. E ele: *Et Oscar Lévis?* Mais um tempo: *Ah, sim, Oscar Lewis, conheço*. E ele: *Eles não têm a mesma concepção quando dizem que é necessário dar a palavra aos pobres?* Referia-se à concepção de ambos sobre a cultura da pobreza e de como contribuir para sua superação. Respondi-lhe que precisava estudar melhor, que eu não tinha uma resposta imediata. Então ele propôs que eu escrevesse um artigo e que ele buscaria como publicá-lo. Procurei um amigo uruguaio, Alberto Silva, que fazia doutorado em Sociologia da Educação; juntamo-nos e fizemos o artigo, publicado no n. 47

de *Orientations*. Havia o Maisonneuve, que era o professor e grande autor da Psicologia Social... Enquanto fazia o mestrado, por conselho de meu orientador, fiz diversas disciplinas da licenciatura em Ciências da Educação e Sociais, assim como havia feito na USP. Quanto ao doutorado, que iniciei logo em seguida, ele se compunha de uma única turma de doutorandos e de uma única equipe docente, formada pelo conjunto dos orientadores, que tinha um único seminário semanal, durante todo o dia de quinta-feira.

CLEITON – E havia alguma programação?

VALDEMAR – Fazia-se a partir das necessidades dos projetos de cada um dos doutorandos. A depender disso, definia-se a programação: o estudo de um método de estudo da história; uma abordagem da análise de conteúdo; uma discussão sobre análise institucional. Convidavam-se especialistas. Faziam-se visitas a instituições ou se frequentavam seminários específicos de especialistas em outras universidades. Todos juntos montavam o programa. Cada um fazia sua opção por alguma disciplina complementar no Programa ou em outra universidade, com professores como Pierre Bourdieu, Jaqueline Palmade, Viviane Isambert-Jamati etc. Assim evoluía o curso, ao menos durante um ano ou um ano e meio. Depois era o desenvolvimento do projeto de tese, a pesquisa de campo, a análise, interpretação, redação, defesa.

CLEITON – Quando você terminou o doutorado?

VALDEMAR – Comecei o doutorado em meados de 1972. Quando comecei a fazer a pesquisa de campo – meu tema era a representação da formação pedagógica dos professores do primeiro e segundo graus de Maringá/Londrina, de três áreas: geografia, letras e matemática – precisei vir ao Brasil para aplicar questionários, fazer entrevistas. Vim em 1973, voltei para Maringá, para passar um ano, um ano e pouco. Reassumi a chefia do Departamento de Educação, dei aulas, poucas, mas fiquei liberado para fazer a pesquisa. Apliquei trezentos questionários a trezentos professores e fiz uma entrevista com dezessete professores, isto é, uma amostra de professores de Londrina e Maringá. Ah, já no final daquele ano voltei a Paris para uma orientação. Em Maringá, comecei a análise do material coletado e foi chegado o momento de eu retornar a Paris, onde, durante mais um ano e pouco, fiz a análise e interpretação do material, redigi a tese e a defendi em 30 de janeiro de 1976. No total, entre mestrado e doutorado, levei quatro anos e meio e, com essas interrupções, um pouco mais.

CLEITON – Você trabalhou com representação com base em quais autores?

VALDEMAR – O básico foi o Serge Moscovici e seus estudos de representação. E um pouco da psicanálise de Freud. Diversos autores usavam a psicanálise para analisar a representação da doença e da morte, a relação professor-aluno, como é o caso da tese/livro da esposa de meu orientador, Janine Filloux, intitulado *Du Contrat Pédagogique ou comment faire aimer les mathématiques a une jeune-fille qui aime les ails* (Do contrato pedagógico ou como fazer uma menina que gosta de alho gostar de matemática). Assim como

no *Contrato Social* de Rousseau, estabelecer-se-ia entre professor e alunos um contrato pedagógico tácito que orientaria a relação e o fazer da sala de aula.

CLEITON – Defendida a tese em janeiro de 1976, você voltou para Maringá?

VALDEMAR – Voltei para Maringá e permaneci lá até 1980. Mas a partir de julho de 1979, agosto, comecei a lecionar uma disciplina quinzenal na Federal de São Carlos, no mestrado. Saía de Maringá, ia dar essa aula de quinta-feira e voltava para lá. A opção por São Carlos foi... Eu vim fazer um seminário... Um de meus colegas de Maringá estava fazendo o mestrado na UFSCar e sugeriu que eu fosse convidado para fazer um seminário sobre minha tese. Vim, convidado pelo Bento Prado. Nesse momento, o Saviani já tinha saído de lá. O pessoal da Fundação Carlos Chagas – Bernardete Gatti, Miriam Warde, Maria Amélia Goldenberg, Maria Luíza Ribeiro, também o Albertino Rodrigues, que era das Ciências Sociais e tinha assumido provisoriamente a coordenação – chegou para mim e disse: *Olha, você tem doutorado. Não quer vir para cá?* E eu: *Então, eu vou pensar, porque tenho que cumprir meu prazo lá na UEM. São quatro anos.* Quando o prazo estava para vencer, fui indicado pelo reitor da UEM (antigo colega do Edson Machado, que havia deixado a Capes para assumir a Secretaria de Educação no último governo do Ney Braga) para ser diretor do Centro de Formação de Professores do Paraná. Essa indicação foi uma forma de o reitor da UEM livrar-se de mim, porque eu havia liderado a criação da Associação de Docentes da UEM, contra a sua vontade. Fui lá, enfim, dar uma olhada. Eu era de esquerda, me considerava marxista e pensava: como é que vou trabalhar para o Nei Braga, para aquela turma da Arena? Não aceitei e voltei para Maringá. Antes de anunciar minha decisão ao reitor, como havia esse convite da UFSCar, liguei para o Prof. Albertino e disse: *Olha, aquele convite está de pé?* E ele disse: *Tá, deixa eu voltar para casa* [estava dando aula na Esalq, em Piracicaba] *e eu converso com a Câmara Departamental hoje à tarde. Hoje à noite você me liga que eu te dou uma resposta.* Liguei à noite e ele disse: *Ó, positivo, o pessoal falou que pode vir.* Então, cheguei para o reitor e disse assim: *Olha, não posso aceitar o convite para assumir o cargo de Curitiba porque estou sendo convidado para atuar no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar...* Eu tinha um convite, também, do José Dias Sobrinho, da Unicamp. Na dúvida, fui falar com Dermeval Saviani, lá na PUC-SP. O Dermeval me falou da Unicamp e do projeto novo da UFSCar. Acabei optando pela Federal de São Carlos. Fui para lá e logo quiseram me candidatar para a direção do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH). Não aceitei. O Paulo Nosella, que tinha sido contratado junto comigo, aceitou e foi eleito... Naquela época a Federal estava começando e tudo era possível. Os reitores eram sempre de fora. De tal forma que eu fiquei em Maringá até o final de 1979, cumpri meu prazo dos quatro anos e em janeiro assumi na UFSCar em regime de tempo integral. Assumi disciplinas, orientações e, um ano depois, já era coordenador do Programa...

BRUNO – Posso intervir? Você fala no seu *Memorial* desses treze anos em que trabalhou em São Carlos. Você fala em duas fases: uma você considera a fase difícil, que é essa

que vai de 1980 a 1985. Eu cheguei lá em junho de 1986. E a segunda que você diz ser a da boa colheita. Fale um pouquinho desses elementos.

VALDEMAR – A fase difícil foi... Cheguei lá em 1980. Estávamos vivendo nacionalmente o movimento de democratização interna das universidades. Queríamos eleger os reitores. Estávamos sob a vigência da Lei da Lista Sêxtupla ou do Capitão Azevedo (reitor/interventor da UnB), que foi criada exatamente para o Capitão de Mar-e-Guerra... E lá na Federal de São Carlos, até então, nós tínhamos tido quatro reitores. Quando cheguei, em 1979/1980, o reitor era o Saad. Depois de minha chegada, teve uma primeira eleição para vice-reitor, lá no final de 1981... Lista sêxtupla: Vardeci Gama, Maurício Prates, Gilberto Della Nina, Henrique Krieger, Pedro M. Lacava e Wagner Rossi. Mas não houve nomeação de vice-reitor até 1983, quando se instalou a crise na reitoria da UFSCar. Eu militava na ADUFSCar, da qual fui vice-presidente e presidente pouco tempo depois de ter chegado à UFSCar. A ADUFSCar havia sido criada em 1978, com Yeda de Carvalho como primeira presidente. O Newton Lima Neto foi o segundo. Depois do Newton, queriam que eu me candidatasse, mas eu propus o Flávio Picchi, que era da mesma formação do Newton. Eu acabara de assumir a coordenação do PPGE. Ele assumiu como presidente e eu, como vice. No ano seguinte, invertemos os postos. Nesse período, o mandato do Saad Hossne venceu. Começamos a batalhar, então, para fazer a eleição direta. Fizemos uma eleição direta com três candidatos: ele, o Rogério Cerqueira Leite e o Maurício Prates (ambos da Unicamp). O Saad ganhou com setenta e poucos por cento dos votos e nós tentamos sustentar a eleição dele. Entretanto, a ministra da Educação Esther Figueiredo Ferraz não aceitou e propôs que fizéssemos uma lista sêxtupla. Muito a contragosto, fizemos a lista com seis nomes, que, na época, eram todos de fora: Dalmo Dallari, Carlos Franchi, Carlos Guilherme Mota, Modesto Carvalhosa, Aziz Ab'Saber e Bolívar Lamounier...

CLEITON – E a Marilena Chauí, não estava no meio?

VALDEMAR – Não, a Marilena Chauí foi um dos nove candidatos, mas não entrou na lista sêxtupla. A ministra Esther não aceitou nenhum dos nomes, alegando que não os conhecia... e determinou que fizéssemos outra lista. Recusamo-nos. Então foi nomeado, como reitor/interventor, o vice-reitor da USP, Antônio Guimarães Ferri, que a gente apelidou, depois, de *Toninho Malvadeza* ou *L*, porque ele era baixinho e tinha um pé grande... [risos]. Ele foi interventor durante um ano. E nesse período havia o Conselho Universitário, que era formado por uma maioria de membros eleitos. Eu era presidente da Associação e um dos representantes titulares dos professores adjuntos (doutores). Com isso, coordenei, de alguma forma, toda a resistência ao interventor no Conselho. Fazíamos reuniões por nossa conta. Fazíamos abaixo-assinados para autoconvocação, montávamos a pauta. Quando o presidente (Prof. Ferri) apresentava a pauta, solicitávamos que pusesse em votação e conseguíamos modificá-la normalmente. Depois de um ano, ele teve um infarto do miocárdio e pediu para sair... Então negociamos... Concordamos em fazer outra lista. Para essa concorreram nove candidatos, tendo eu sido candidato pelo movimento docente. Fiquei em terceiro lugar. No processo de lista sêxtupla com seis candidatos, fica em primeiro alguém

cujo nome se faça presente mais vezes na lista de até seis nomes formada pelos eleitores. Quando são nove candidatos, numa lista que vai da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, a tendência é que um tipo médio, de nenhum dos extremos, seja o mais vezes votado, ficando em primeiro lugar, pois não havia pesos para a ordem na votação... De tal forma que o Munir Rachid, que era um cara legal, tranquilo, nem de direita, nem de esquerda, ficou em primeiro e foi nomeado. Aí ele assumiu e as coisas começaram a melhorar. Assumiu de 1984 a 1988. O vice-reitor foi o Sebastião Kuri. Ajudei o Munir a montar a equipe de reitoria, porque ele chegou à minha sala um dia e me disse: *Olha, eu preciso fazer um programa de gestão, porque não fiz, não preparei e vi que você tem um plano bem estruturado...* Eu lhe disse: *Mas você não tem um esboço de plano? Você não foi candidato?* Ele falou: *Eu fui, mas só aceitei a candidatura, me candidataram...* Eu havia montado o meu plano junto com os colegas do “movimento docente” e me dispus a ajudá-lo. E ele: *Você não quer ser meu chefe de gabinete? Montamos uma equipe.* Eu disse: *Chefe de gabinete não, mas se quiser eu ajudo a montar a equipe.* Aí ajudei a montá-la, e o primeiro nome que lhe sugeri foi o da Maria de Lourdes (Malu) Bontempi, nossa secretária da Pós em Educação, para o lugar do Fernando Porto, dos Órgãos Suplementares, aliado dos curadores da Fundação (FUFSCar). De tal forma que, a partir de 1986, 1987, por aí, as coisas começaram a melhorar. Depois, em 1988, foram eleitos o Sebastião Kuri como reitor e o Newton Lima Neto como vice. Foi quando comecei a escrever a história da UFSCar, que tentava desde 1983. Ah, por que escrevi a história da universidade? Porque em 1988, quando o Sebastião assumiu a reitoria, na primeira reunião do Conselho de Curadores da Fundação, do qual ele participava, ele assumiu a Presidência. Até então o reitor não fazia parte; depois passou fazer parte apenas como membro, e somente quando o Sebastião assumiu a reitoria, em 1988, 1989, é que o reitor passou a assumir sua presidência. Ao fazê-lo, cabia a ele autorizar a leitura das atas desse Conselho. Durante seis anos eu havia tentado lê-las, mas não consegui autorização. Esse Conselho, que no início da Universidade fez as vezes de Conselho Universitário, durante quase dez anos, até se criar o Conselho Universitário em 1978, 1979, não me autorizava a ler essas atas. Sabiam de que lado eu estava, que eu tinha minha interpretação, minha leitura e que, de alguma forma, liderava a resistência da Universidade contra seus “desmandos autoritários”. Nem com solicitação do Conselho Universitário eles me autorizaram. Isso está no meu livro; essa história está toda ali. Então o Sebastião assumiu a presidência e ato imediato me ligou para dizer: *Valdemar, agora você vai escrever a história de UFSCar!* E eu: *Você conseguiu as atas?* E ele: *É! Eu assumi a Presidência do Conselho...* e tal... Bom, a partir de então as coisas melhoraram na administração. O grupo que havia passado pela associação de docentes assumiu a reitoria e está lá até hoje. Vejam: esse grupo começou em 1977, 1978, na Associação; assumiu a reitoria, digamos, em 1988, e a Prefeitura Municipal em 2000. Liderou uns 20 anos a Associação. Vai para 24 anos na reitoria e 12 na prefeitura de São Carlos... O mesmo grupo!

BRUNO – Mas antes de escrever a história da UFSCar você participou de uma pesquisa comigo. Fale um pouco sobre isso.

VALDEMAR – Em 1986, quando o Bruno ingressou na UFSCar, numa das primeiras conversas que tivemos, ele me disse: *Olha, tem aí a Acácia [Kuenzer] no Inep...* Tinha um programa de pesquisa, no Inep, que se chamava *Diagnóstico Educacional*, e o Bruno me propôs trabalharmos juntos fazendo um diagnóstico do estado de São Paulo. Inicialmente a ideia era fazer uma pesquisa, um diagnóstico da educação no estado de São Paulo.

BRUNO – É, tinha um documento-base sobre o que se entendia por diagnóstico educacional preparado pelo Saviani, pelo Arroyo e pelo Cury. E eu tinha realizado essa pesquisa, *Diagnóstico Estadual da Educação no Mato Grosso*, junto com o Nicanor Palhares.

VALDEMAR – Então ele me convidou e, aos poucos, fomos restringindo o estudo ao ensino noturno, a uma série de ensino noturno e só no município de São Carlos. Fizemos essa pesquisa, junto com o Newton Ramos de Oliveira e uma porção de auxiliares de pesquisa. O relatório final intitulou-se: *Na escola dos trabalhadores o trabalho não entra*. Este era o título que, depois, no livro, mudou para *O ensino noturno e os trabalhadores* (editado pela EDUFSCar). Esse foi o meu primeiro livro, embora editado depois do que escrevi sobre a UFSCar, *Universidade, fundação e autoritarismo: o caso da UFScar*. Este inaugura as edições da EDUFSCar e foi coeditado pela Estação Liberdade (SP).

BRUNO – Observando seu *curriculum*, notamos que você trabalhou 13 anos na UFSCar e 17 na Unimep; que você escreveu 52 artigos, dos quais 36 na Unimep; produziu 42 capítulos de livros, dos quais 40 na Unimep; escreveu 10 livros, dos quais 8 na Unimep; orientou 32 mestrados, 21 dos quais na Unimep, e 17 doutorandos, 15 dos quais na Unimep. Então, professor, o que você tem a dizer de sua estadia na Unimep? E por que você foi bem mais produtivo na Unimep do que na UFSCar?

VALDEMAR – Essa questão pode ser vista de várias maneiras, isto é, por que, apesar de ter vindo para a UFSCar da UEM e ter recusado um trabalho na SE/Pr, com a justificativa de que eu queria me dedicar à vida acadêmica (não tinha feito mestrado e doutorado na França para me tornar um administrador, mas para me tornar um pesquisador, um professor e minha opção foi essa) não produzi tanto na Federal? Porque na Federal, já no segundo ano, assumi a coordenação do Programa de Pós em Educação; porque vivi treze anos na UFSCar quando ela passou por crises políticas institucionais muito significativas e desde minha chegada me envolvi com essa política, entre outras razões. Assumi a coordenação de um Programa que precisava ser credenciado, fui vice e presidente da ADUFSCar, representante dos adjuntos no Consun por 8 anos e, em 1984, fui candidato a reitor; de alguma forma coordenei a luta de resistência do Conselho Universitário contra a intervenção federal; coordenei a criação do Departamento de Educação que chefei por cinco anos. Ou seja, meu envolvimento na prática política institucional esteve muito acima do que ocorreu aqui na Unimep. A pesquisa, na UFSCar, ficou por conta de um envolvimento no qual o Bruno teve participação muito importante. Minha produção deu-se num nível muito razoável para as circunstâncias, mas não consegui, até 1992, 1993, publicar nenhum livro. Eu me lembro que em meu concurso para professor titular, uma das observações de um dos membros da

banca (salvo engano, o Frigotto) é que estava na hora de eu transformar todos aqueles relatórios de trabalho e pesquisa em livros, publicações. Depois, minha decisão de me aposentar, tendo em vista a Unimep, deu-se também numa conjuntura política muito interessante. Quando o Sebastião Kuri assumiu a candidatura a reitor e o Newton Lima Neto, a vice, eu deveria ter, por proposta dos colegas, assumido a candidatura para a pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação. Como esta candidatura também coincidiu com uma proposta dos colegas, na Anped de Porto Alegre, para que eu fosse candidato a representante da área junto à Capes, isso em 1987, fiz a opção pela candidatura para a Capes e abri mão da candidatura à pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação. Quem me substituiu na chapa foi o Gil Figueiredo... Aquela chapa ganhou e todos os candidatos foram nomeados. Depois, quando o Newton, vice-reitor, se candidatou a reitor, em 1992, ele e o grupo de apoio quiseram que eu fosse candidato a vice. Neste momento eu tive que, mais uma vez, tomar uma grande decisão, parecida com aquela que tomei quando deixei a UEM para vir para UFSCar, que foi a seguinte: eu não era titular, tinha uma produção que eu considerava abaixo das minhas potencialidades, não tinha nenhum livro publicado, achava que aquele propósito meu, de me tornar um pesquisador importante na minha área ainda não tinha se realizado e fiquei diante de um dilema: o de aceitar a candidatura e me tornar um administrador universitário, vice-reitor, depois possivelmente candidato a reitor...

BRUNO – Depois prefeito da cidade...

CLEITON – Caminho natural... [risos]

VALDEMAR – ... e, de outro lado, não aceitar a candidatura, me aposentar, me dedicar à pesquisa... porque eu já tinha 32 anos de serviço e com 30 já poderia ter me aposentado... E surgiu a ideia de sair de lá, porque havia concurso aqui na Unimep, abertura do doutorado, e havia certa expectativa de que, se eu viesse para cá, poderia contribuir bastante para esse doutorado... Então não foi fácil essa decisão de chegar ao Newton e aos demais colegas e anunciar que eu não aceitaria a candidatura, que pensava em fazer concurso para titular, depois me aposentar e fazer um concurso em outra IES – à época eu também pensava em prestar concurso na Federal do Paraná ou na Federal de Santa Catarina – mas, enfim, tomei a decisão de me aposentar e enfrentar esse concurso que estava previsto aqui para o mês de janeiro.

CLEITON – De que ano, Valdemar?

VALDEMAR – Janeiro de 1992. O concurso para titular, na UFSCar, foi ao final de janeiro, mas quando eu vim participar da entrevista, no início do mês, eu já estava com toda documentação pronta. Então foi só fazer uma cópia e entregar. O próprio *Memorial* eu pude apresentar aqui no concurso, porque eu o tinha preparado para o concurso de titular. Com isso fui selecionado, aqui, junto com o Zé Maria e com o Fontanella. Classificado em primeiro lugar... Com a experiência que eu tinha lá de treze anos de pós-graduação e de coordenação do Programa... Bom, essa decisão de não aceitar concorrer à vice-reitoria da UFSCar, de optar por ser professor e pesquisador, fez com que, ao vir para a Unimep, isso

pesasse no meu modo de encarar o trabalho de ensino e pesquisa. Passei a me sentir na obrigação, quase moral, ética, de mostrar aos meus amigos de São Carlos que aquela decisão, ou os argumentos que então utilizei, não eram mero pretexto, eram reais e foi isso, em grande medida, o que me fez chegar até aqui. Primeiro, desde o momento da contratação, como condição para a contratação... sei que, em uma conversa que tive com o Prof. Davi, coordenador do PPGE/Unimep, eu disse: *Eu aceito vir para cá, contanto que, durante dois anos, pelo menos – eu preferiria quatro – eu não assuma nenhuma responsabilidade administrativa, porque tenho compromissos comigo mesmo, com você, com o Bruno e com o Newton, de produzir um livro, dois livros...* Eu tinha a história da UFSCar, que era meu compromisso primeiro; outro era a pesquisa sobre o ensino noturno. E nisso fui respeitado até certo ponto. Até um ano e meio, mais ou menos, consegui me dedicar e tive tempo suficiente para trabalhar no livro sobre ensino noturno e redigir o livro sobre a história da UFSCar. Em 1993, como eu tinha terminado esses dois trabalhos, pintou a necessidade de eu assumir a coordenação do Programa, porque a proposta da criação do doutorado estava meio complicada, o parecer da comissão tinha sido negativo num primeiro momento. Pedia-se que a gente melhorasse a proposta. Junto com o João dos Reis – o João já estava bastante envolvido nesta questão –, conseguimos montar uma nova proposta... O João, o Júlio Ferreira e eu formamos um trio, montamos uma comissão que reestruturou a proposta de doutorado. Propusemos ao colegiado a reestruturação de todo o currículo. Foi então que criamos disciplinas obrigatórias do doutorado e do mestrado. Até então não havia disciplinas obrigatórias e eu passei a me envolver exclusivamente com o Programa, com ensino e pesquisa, com a coordenação do Programa. Essa coordenação, por exemplo, eu assumi com a seguinte condição: *Tudo bem, vocês acham que eu tenho condições de contribuir para que ele seja credenciado, por conta da minha experiência no ensino superior...* – enfim, aquelas coisas que sempre se dizem nessas horas. *Eu aceito, contanto que, no mesmo dia em que este Programa for credenciado, eu possa deixar a coordenação.* Era assim: dois anos ou quando saísse o credenciamento. Um ano e quatro meses depois de eu ter assumido a coordenação, o Programa foi credenciado. Lembro-me que, no mesmo dia em que a notícia chegou, fiz um ofício para todo mundo, dando a notícia e convocando a reunião do colegiado na qual apresentei minha demissão.

BRUNO – O doutorado foi criado em 1992 e credenciado em...

VALDEMAR – Em 1994, só em 1994. Seguiu aquele processo normal: foi, voltou, reformulou-se e foi aceito. O doutorado iniciou suas atividades em março de 1992. Comecei em março de 1992. Por conta de um convênio entre a Unimep e a UFSCar, havia possibilidade de professores da UFSCar darem disciplinas aqui. Como já tinha sido aprovado nesse concurso de janeiro de 1992, assumi uma disciplina aqui, todas as sextas-feiras. Eu recebia meia diária e lecionava uma disciplina de Filosofia e Educação, algo assim, ali na Unimep Centro, durante o primeiro semestre, enquanto me decidia pela aposentadoria. Em julho me aposentei. No mesmo dia em que saiu minha aposentadoria fui contratado aqui em tempo integral (14 de julho de 1992). Então foi assim, tudo isso fez com que eu me

tivesse dedicado muito... Continuei me envolvendo com a Associação de Docentes, mas apenas como representante no Conselho de Representantes da Adunimep. Meu tempo foi todo dedicado ao Programa. Eu vivi esse Programa, eu diria, os dezessete anos, de forma integral. Então, foi isso.

CLEITON – Tanto em Paranaíba quanto em Maringá você trabalhou com as chamadas disciplinas pedagógicas. Ao vir para São Carlos, você foi para a Filosofia e Educação. É isso?

VALDEMAR – Na Federal de São Carlos comecei lecionando a disciplina Problemas de Educação Brasileira (algo assim, tenho que ver no *Lattes*) durante o segundo semestre de 1979, no mestrado. Depois comecei a lecionar disciplinas que tinham um pouco a ver com disciplinas pedagógicas. Eram do mestrado. Essa foi a caminhada. Então fui abandonando um pouco a questão da formação de professores, que era o tema da minha tese, para me envolver, primeiro, com a alfabetização de adultos. Trabalhei quatro ou cinco anos com a alfabetização de adultos ou, melhor, com a educação popular. Depois, com a chegada do Bruno, passei a me envolver com a pesquisa sobre ensino noturno, políticas públicas de educação. A partir de 1983 – vejam, cheguei lá em 1980! –, com o meu envolvimento na política institucional, com a democratização interna, escrevi meu primeiro artigo: “Crise de poder na UFSCar: descaminho de um modelo?”. Algo assim... Fiz um artigo em torno da seguinte questão: por que uma fundação universitária como a UFSCar (que era uma fundação que, por princípio, deve ser mais flexível, mais adequada para resolver certos problemas administrativos e institucionais) era tão autoritária? Isso se identificava na UnB... Algumas universidades fundacionais passaram por regimes internos muito mais autoritários do que as autarquias, que eram a forma anterior de organização universitária. Nesse artigo, para defender essa tese, estudei a origem das fundações e descobri o *Relatório Atcon* e li os *Relatórios da Comissão MEC/USAID*. A partir daí, levantei a hipótese de que a ditadura militar se aproveitava de seu poder para transformar as fundações numa forma de organizar uma universidade mais autoritária, mais rígida, do que as próprias autarquias. Esse artigo, publicado na *Educação & Sociedade* (n. 21, mai./ago. de 1985), foi o núcleo da história que escrevi sobre a criação da UFSCar, a história da UFSCar e da adoção do modelo fundacional na universidade brasileira, que é o livro *Universidade, fundação e autoritarismo: o caso da UFSCar*, que escrevi seis ou sete anos depois. O fulcro desse livro, que foi financiado pela Fapesp/CNPq, retomou a hipótese desse artigo de 1983. Então, em 1983, saiu meu primeiro artigo, minha primeira preocupação com a história da universidade, com a história da reforma universitária no Brasil. De lá para cá, de 1983 até hoje, são 27 anos em que meu tema de pesquisa é a universidade.

BRUNO – Antes de entrar nesse assunto, quero levantar mais uma questão: eu ingressei na UFSCar em junho de 1986; e quando lá cheguei, lecionei “Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação”, no mestrado, junto com você, o Nosella e a Ester Buffá. O Ramon Peña Castro, que entrou na mesma época, lecionava “Fundamentos Sociais e Econômicos da Educação”. A disciplina que lecionávamos fazia um percurso histórico-filosófico entre os

clássicos, desde Platão até os pensadores contemporâneos, e era lecionada no primeiro e no segundo semestres. Eu queria saber se essa disciplina teve alguma influência, posteriormente, em sua docência e, também, na própria constituição do currículo do PPGE da Unimep.

VALDEMAR – Sem dúvida, e de tal forma que, quando cheguei aqui, a proposta de criar disciplinas básicas tinha muito a ver com essa experiência, não só essa disciplina que tratava da questão do Estado, das classes, das ciências. Eram vários aspectos das ideias filosóficas, a partir de *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, de *A política* de Aristóteles, de *A República* de Platão, dos *Evangelhos* e das *Cartas dos Apóstolos* sobre a questão da escravidão; depois, alguns autores latinos e ainda Agostinho, Tomás de Aquino. Enfim, isso me deu a ideia da criação da disciplina “Teoria do Estado e da Educação”. O João dos Reis propôs que a gente montasse uma disciplina; eu lhe disse: *Olha, eu tenho uma boa experiência. É pena que esta seja uma disciplina semestral; se fosse anual eu proporia um programa parecido com o da disciplina obrigatória lá de São Carlos; sendo semestral, vamos ver onde poderá começar.* E começamos com Locke. Mas para iniciar com Locke precisamos antes estudar a *Ideologia alemã*, pela questão do método, e depois Locke. E daí em diante, Rousseau, Adam Smith. Enfim, esta foi a disciplina na área Educação que lecionei com o João por uns dois ou três anos, nem lembro direito, porque depois ele foi para a PUC-SP (e lá permaneceu por vários anos) e eu, também, por um semestre, onde acabamos lecionando essa disciplina juntos. Depois, a Miriam J. Warde propôs que eu me mudasse para lá, mas optei por não mudar e ficar só aqui... Continuei a lecionar essa disciplina no PPGE/Unimep até me aposentar.

Tanto a Teoria do Estado, quanto as disciplinas obrigatórias de Epistemologia da Educação, que cuidam do pensamento pedagógico clássico, de alguma forma se servem da experiência daquela disciplina obrigatória central do doutorado e mestrado de São Carlos.

BRUNO – No PPGE da UFSCar não tínhamos os núcleos de pesquisa. Seria interessante você falar um pouco sobre sua linha de pesquisa na pós-graduação, porque foi aí que você se tornou mais conhecido nacional e internacionalmente, não é professor?

VALDEMAR – Pois é. Como eu dizia, em 1983 escrevi um artigo no calor da luta na UFSCar, porque eu precisava entender a questão que estávamos vivendo. Aliás, o rascunho desse artigo serviu também como apresentação e defesa perante a Comissão de Inquérito Administrativo, do Conselho Federal de Educação (CFE), instaurada porque nos recusávamos a aceitar a fazer nova lista sêxtupla, depois de uma primeira frustrada. O CFE, além de o MEC ter colocado um interventor na UFSCar, criou uma Comissão de Inquérito Administrativo para verificar o problema que nós apontávamos crescer entre o Conselho de Curadores da UFSCar e o Conselho Universitário. E eu, como ex-presidente da ADUFSCar e membro do Conselho Universitário, fui indicado por alguém lá, não sei se foi o interventor, para ser ouvido pela Comissão. A Comissão me chamou e eu, antes de ir dar o meu depoimento, resolvi passar na sala do professor Abib, que era o chefe do meu departamento, e convidá-lo a me acompanhar como testemunh (porque eu achava que não deveria ir sozinho). E ele foi. Passei na minha sala, peguei aquele artigo que estava em rascunho e quando me perguntaram

como eu interpretava o que estava acontecendo, o que eu achava de tudo, eu disse: *Ao invés de falar de improviso, rascunhei aqui um artigo que acho que tem tudo a ver com a pergunta.* E li partes daquele artigo para a Comissão. Quando terminei, eles me fizeram mais algumas perguntas. Eu trabalhei contigo [Bruno] e com o Newton Ramos de Oliveira durante três ou quatro anos, mas a ideia de escrever a história da *Federal* não esmoreceu, mantive-a firme. Mas eu tinha certeza de que as atas do Conselho de Curadores da FUFSCar eram uma peça fundamental para eu poder escrever essa história. Sem elas haveria um vácuo, um vazio. E quando terminamos o projeto do Inep sobre o ensino noturno, penso que lá por 1989, e você me convidou para trabalhar com a Teoria Crítica, eu, naquele momento, já tinha o sinal verde do reitor para acessar as atas... Eu já estava convencido de que meu caminho era escrever a história da universidade. Ao escrever a história da Federal de São Carlos retomei a questão dos acordos MEC-USAID, da Reforma Universitária de 1968, toda a batalha por transformar as autarquias em fundações durante a ditadura militar. Fui a Brasília para consulta de artigos e encontrei o arquivo completo do acordo MEC-USAID lá no Conselho Federal de Educação. Quarenta e oito caixas de documentos! Pude ler, no *Diário do Congresso*, o relatório de quinhentas páginas da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Educação Superior de 1967-1968, cujo relator foi o Dep. Lauro Monteiro da Cruz, que foi o relator das leis que criaram a UFSCar e a UnB. Após deixar a Câmara, tornou-se presidente do Conselho de Curadores da FUFSCar por dezenove anos.... Bom, mas o que eu queria dizer é que, aos poucos, por razões político-institucionais, comecei a me envolver com a história da universidade e vi que era um campo muito interessante de investigação. A partir da história da UFSCar cheguei aqui. Quando havia terminado a história da UFSCar e o livro já estava publicado, mais uma vez – sempre algum colega me propõe alguma coisa –, o João dos Reis me propôs que fizéssemos um projeto sobre o ensino superior privado no Brasil. Daí nasceu o projeto que veio a ser conhecido como *As novas faces da educação superior no Brasil*, que deu origem a um livro. O projeto inicial era sobre o ensino superior privado, mas aos poucos nos demos conta de que tínhamos que discutir a reforma do Estado, aquele Plano Diretor da Reforma do Estado, do Bresser Pereira, e aos poucos o transformamos num projeto e livro que tratavam exatamente da reforma do Estado e da educação superior, nesse contexto e também no da mudança da economia. O título ficou *As novas faces da educação superior no Brasil – reforma no Estado e mudança na produção* (EdUSF, 1997 na primeira edição; na segunda, Cortez e EdUSF, 2001).

CLEITON – E a ligação como GT 11 da Anped? Você está envolvido com este núcleo de política da educação superior?

VALDEMAR – Exatamente. Já quando escrevi aquele artigo, em 1983, sobre a crise de poder na UFSCar, comecei a me aproximar do GT 11. Depois me aproximei de outro GT, que tratava da educação básica, por conta da pesquisa sobre o ensino noturno. Mas realizei a pesquisa sobre a história da Federal de São Carlos, financiada pela Capes, pelo CNPq e pela Fapesp. Aí, sim, fui de vez para o GT 11, de Política de Educação Superior e, passado um ano ou dois, assumi a coordenação desse GT.

CLEITON – E membros desse GT é que vão fazer parte daquele grande projeto? Fale um pouco dele!

VALDEMAR – Eu me envolvi com o GT lá por 1992, logo que cheguei aqui e, em 1994, houve um primeiro projeto, se não me engano, coordenado pela Laura Vasquez (UFMG) e pelo Niuvenius Paoli (Unicamp), que visava criar um grupo que estudasse a produção científica da educação superior no Brasil, constituísse um grande banco de dados. Essa ideia levou uns dois anos para se efetivar e, em 1996, acredito, estruturou-se a ideia, que prevaleceu no projeto e envolveu dez, quinze, dezesseis pesquisadores e outros tantos auxiliares de pesquisa, bolsistas, que resolveram montar um banco de dados sobre a produção científica no Brasil, da Reforma Universitária de 1968 até 2004. Inicialmente era até 1996, mas a cada ano que passava a gente ia ampliando. Para fazer essa análise, primeiro levantamos trinta e poucas revistas nacionais que tivessem publicado sobre educação superior, sendo a mais antiga delas a RBEP (*Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*), para ver a produção científica sobre educação superior nessas revistas, depois em livros, teses e dissertações. Para fazer esse inventário, formulamos 15 categorias temáticas e, para cada categoria temática, uma média de três a quatro subcategorias. Eram cerca de 70 subcategorias temáticas. Com essas categorias e subcategorias pudemos classificar os artigos dessas revistas, fazer-lhes um resumo descritivo/analítico e publicar uma coletânea sobre as revistas. Com a Marília Morosini, coordenei essa primeira coletânea do Grupo *Universitas/Br*. Um breve parêntese: *Universitas-Br...* fui eu quem sugeriu esse nome latino, e a “briga” se deu com alguns cariocas... que não conseguiam falar *Universitas...* com acento no “e” e falavam *Universítas...* [risos]. Mas hoje todos conseguem falar com acento latino... Então é isso: envolvi-me com essa pesquisa cujo projeto foi sendo renovado, sob a coordenação da Marília Morosini (UFRGS; depois ULBRA; depois PUC-RS). De tal forma que este grupo se mantém. Encerrado esse projeto, criou-se um novo, ao qual já não me filio, porque me aposentei e resolvi dele me afastar, talvez provisoriamente.

CLEITON – Na mesma linha da educação?

VALDEMAR – Agora é um projeto de natureza distinta: são diversos projetos que se articulam em torno de um projeto maior, não mais de banco de dados, mas de pesquisa propriamente dita. Cada projeto aborda um campo específico da educação superior: financiamento, expansão, mercantilização. Enfim, é um grande projeto, com quatro ou cinco subprojetos, já envolvendo mais de trinta pesquisadores.

CLEITON – Bem, Professor, nós conversamos a respeito das disciplinas que você lecionou, das temáticas das pesquisas... Agora, seria interessante que nos falasse sobre a opção metodológica, como surgiu em sua cabeça a questão do materialismo histórico dialético. Isso não foi ao acaso? ... Bom, estou imaginando, cabe a você nos dizer!

VALDEMAR – Já outro dia nós falávamos sobre como eu me iniciei no marxismo... E aqui mais um parêntese: vocês nunca me ouviram falar, acho, que sou marxista.

CLEITON – Não.

CÉSAR – Também não.

VALDEMAR – É que eu nunca me considerei um marxista típico, ortodoxo. Eu sempre tive uma opção política, que é a socialista. Eu tinha uma concepção de mundo que se situava no âmbito do materialismo histórico. Mas se me perguntarem, hoje, se sou marxiano, gramsciano, sei lá qual orientação marxista, eu não saberia me classificar. Sempre procurei ler Marx, Gramsci e uma série de outros autores do campo marxista... Enfim, até os marxistas analíticos americanos... E isso foi se dando com certa naturalidade a partir, um pouco, da pós-graduação na USP, quando eu estudava Piaget, Rogers, mas me interessava, principalmente, pela interpretação da política brasileira. Aquilo me fez ler bastante Marx, fazer seminários com Florestan Fernandes, lá no Colégio Santa Cruz... E teve minha ida para a França... Bom, minha ida para a França acabou me envolvendo com gente que estava exilada... Que denunciava crimes da ditadura brasileira... Ali eu tive ocasião de me encontrar com muitos marxistas. Minha tese, as *Mémoires* do mestrado e a tese do doutorado na França não tiveram uma orientação marxista e isto, em grande parte, por razões políticas: vivíamos sob ditadura e eu pretendia retornar ao País... Fundamentaram-se teoricamente muito mais na psicologia social, na sociologia de Bourdieu, na psicanálise... Foi depois que voltei da França, depois de ter vivido certo sentimento de frustração por não ter podido fazer a tese que eu gostaria de ter feito (dadas as minhas convicções de esquerda), que comecei, de fato, a me aproximar do campo marxista ou, melhor, do método materialista histórico. Foi depois de voltar do doutorado, quando fui para a Federal de São Carlos, que tive contato com o Pedro de Alcântara, com o Barrighelli (mesmo com as brigas todas que com este eu tinha), mas foi ali com a Betty Oliveira, lendo Saviani e outros, que eu comecei, de fato...

BRUNO – Com o Nosella também?

VALDEMAR – O Nosella gramsciano; era o Nosella da época. Então, o contato com Betty Oliveira, com Paolo Nosella, Pedro de Alcântara e Barrighelli... com o Benedito Rodrigues Neto... Enfim, após a criação, logo em seguida, do PT (eu me envolvi na criação do PT)... Não sei dizer o que pesou mais. Teve também o contato permanente com o Florestan Fernandes, por exemplo, quando ele se candidatou a deputado (fui seu cabo eleitoral, coordenando sua campanha em São Carlos, vendendo os livros dele para fazer fundo). Marilena Chauí me ajudou também... Chico de Oliveira... Enfim, a partir de então minhas leituras teóricas mais importantes foram marxistas. Quando falei, antes, que vocês não me ouviram dizer que era marxista... é que, quando cheguei aqui, na Unimep, encontrei da parte do professor Hugo Assmann uma oposição bastante forte em relação à minha forma de pensar. Ele me chamava de marxista ortodoxo. Então me aplicou esse rótulo e aos poucos fui mostrando para ele que não era tanto assim, ou não lia Varela, Morin e tantos outros... [risos].

CÉSAR – Percebemos que você tem um grupo de ex-orientandos muito próximo a você. Em geral, são hoje doutores/as em várias universidades pelo Brasil. Como você vê

essa relação entre sua orientação e a temática desenvolvida? Você crê que essa temática deve prosseguir com alguns deles em especial?

VALDEMAR – Primeiro, assim como nunca fui teoricamente muito ortodoxo, no sentido da rigidez teórica, também em minhas orientações nunca tentei impor ou fazer com que os meus orientandos fizessem análises exatas ou muito próximas da minha orientação. De tal forma que, se observarem as 17 teses de doutorado, há variadas orientações. Não sinto que tenha havido nenhuma predominância excessiva. Acho que todos de alguma forma aproveitaram um pouco dessa minha orientação teórica, mas ninguém se sentiu na obrigação de segui-la, porque também não acho que meus textos tenham essa orientação de forma muito explícita. Dá para perceber, claro, mas isso porque conjugada com posições políticas, posições na atuação acadêmica... Quando as pessoas conhecem por completo minha atuação acadêmica, como professor da universidade, por exemplo, quando leem os textos, aí começam a fazer as ligações e então é fácil perceber. Por isso eu não saberia dizer, assim, quem está mais próximo de mim. Percebo alguns que estão mais próximos pela temática, outros talvez pela orientação teórica. Enfim, é difícil fazer essa análise agora. Teria de pensar um pouco mais... Os últimos, começemos pelos últimos... esse trabalho da Célia Marinelli tem alguma coisa a ver, mas não totalmente. O trabalho anterior foi o da Elma Carvalho. A Elma segue bastante e está trabalhando, não na educação superior, porque entrou na universidade agora, mas na educação em geral. A Valdelice Borghi, mais na orientação que na temática. A Regina Padilha, na temática e na orientação. O José Carlos Rothen é um que trabalha mais na temática. A Sueli Mazzilli, tanto na temática como na orientação. Jamisse Taimo, Alderlândia Maciel... enfim, eu não saberia...

CLEITON – A temática é a mesma.

VALDEMAR – Sim e o tempo todo é a questão política, a mudança na economia e a reforma do Estado... Eu queria ainda falar do Ari Paulo Jantsch, que faleceu. O Ari tinha uma influência sobre mim, e eu sobre ele, porque era um filósofo. E esse último texto que saiu na coletânea do nosso GT valeria a pena ser lido.¹ É muito interessante. Ele trabalha dimensões da filosofia, da política e da educação superior, numa orientação materialista histórica de forma muito instigante.

BRUNO – Então, é interessante, quando você faz essas observações sobre a Unimep, porque foi nesse período que você foi mais produtivo. Parece até paradoxal, uma instituição particular que lhe dá mais espaço para você pesquisar e publicar! Por conta desse seu envolvimento político, na UFSCar, você era muito solicitado. Por exemplo, você escrevia quase todos os documentos políticos da UFSCar.

VALDEMAR – Do Conselho Universitário. Nós nos reuníamos a cada quinze dias e a cada reunião era um documento de muitas páginas. Em geral eu era indicado para a comissão de redação e... virava relator.

¹ JANTSCH, A. P. Mercadorização, formação, universidade pública e pesquisa crítico-emancipatória: em tempo de realização plena do conceito de capital. In: OLIVEIRA, J. F.; CATANI, A. M.; SILVA JÚNIOR, J. R. (Orgs.). *Educação superior no Brasil: tempos de internacionalização*. São Paulo: Xamã, 2010. p. 55-78.

BRUNO – Exatamente. Mas, então, a questão que eu queria colocar é a seguinte: você participou ativamente de pelo menos três instituições: Maringá, UFSCar e Unimep. E a Unimep foi a que mais lhe deu condições de pesquisa. Talvez pelo fato de você já ser uma pessoa mais experiente... Eu queria que você fizesse um paralelo entre a Unimep e a UFSCar em termos de ambiente de trabalho, ambiente de convivência, ambiente acadêmico.

VALDEMAR – Pois é, a UFSCar, do ponto de vista da mudança do regime ditatorial autoritário na sociedade civil e dentro de uma instituição, viveu um momento-chave. A ditadura acabou lá por 1978 ou 1979 e as instituições permaneceram autoritárias. A fase da democratização das universidades federais deu-se alguns anos depois; eu diria que quase uma década depois. A Federal de São Carlos teve a possibilidade de um reitor nomeado somente lá por 1984-1988. Nesse período, ou seja, quase uma década depois da sociedade civil, o envolvimento lá, no caso de pessoas que tinham vínculo maior com o movimento docente, era muito grande e necessário. Havia umas quarenta a cinquenta pessoas mais militantes na UFSCar, que atuavam na associação, no Conselho Universitário, nas direções, nas chefias, enfim, precisavam participar muito mais na democratização da estrutura da instituição. Quando vim para cá, a Unimep já estava, de alguma forma, democratizada. Ao mesmo tempo em que a UFSCar passava por essa crise, sob o controle do Estado, na sociedade civil, numa instituição confessional, esse processo tinha ocorrido também em 1985... Então na década de 1980, quando eu estava lá, aqui ocorreu a democratização; quando cheguei, o problema, entre aspas, já estava, de alguma forma, encaminhado, resolvido. Com a UFSCar foi a mesma coisa. Então eu cheguei aqui e pude fazer algumas exigências para não me envolver política e administrativamente com a instituição, ou seja, não assumir cargos na administração; a associação estava atuando num nível sindical corporativo de forma mais ou menos tranquila. Houve algumas ameaças de greve ou uma pequena paralisação, mas nada que me impedisse de me dedicar integralmente ao ensino e à pesquisa. Quando me perguntavam qual era a diferença de uma universidade pública como a UFSCar, que teve certo papel na redemocratização da universidade pública no País e que eu deixava, e a Unimep, uma confessional, ocorria-me sempre responder que, se não considerássemos o fato de que aqui se paga, o aluno paga diretamente à instituição, e que aqui o reitor, os principais ocupantes de cargos são metodistas e indicados pelo Conselho Diretor da Mantenedora... do ponto de vista da organização da universidade, dos estatutos, do regimento interno, dos departamentos, dos centros, dos colegiados, da autonomia dos colegiados, da autonomia universitária, eu não via diferença. Achava que eram universidades muito semelhantes do ponto de vista da democratização interna, da representatividade, da autonomia e que, dadas essas circunstâncias, eu teria chegado no melhor momento possível para poder me dedicar à pesquisa, à produção científica; tive as melhores condições. Do ponto de vista confessional, vocês sabem, fui seminarista e, aos poucos, fui me tornando agnóstico. Vim para cá como um agnóstico, preocupado com a questão da educação pública, da universidade pública, e sempre tive o prazer de dizer, em texto ou de forma espontânea, quando me perguntavam, que nunca imaginei que iria encontrar na Unimep, uma universidade confessional, total liberdade para defender a universidade pública e sem precisar fazer qualquer concessão à confessionalidade, à religião. É isso.

CLEITON – Acrescento: a Capes, nesse período todo, também sofreu alterações no modo de avaliar cursos, nossa produção... você entende que isso teria estimulado a Unimep a produzir bastante, a criar um clima de produção? Ou não tem nada a ver? Ou tem um pouco a ver?

VALDEMAR – Eu voltaria um pouco à questão que o Bruno me colocou e que deixei de responder. Depois respondo sua pergunta sobre o clima de trabalho. Existe um clima institucional, que foi essa comparação que fiz entre UFSCar e Unimep. Lá eu também tinha liberdade total, porque era pública, mas numa confessional eu encontrei as mesmas condições. Talvez até melhores, por conta do momento em que vivi em cada uma delas. Quanto à convivência no Programa, eu cheguei aqui e me surpreendi com o clima de amizade, de solidariedade, de boas relações humanas no Programa. Mesmo divergindo teoricamente dos colegas (politicamente também, em alguns casos), isto nunca se sobrepôs às boas relações; nunca se impôs como fundamental para que nós atuássemos como professores. E aí tem um dado que pode ser brincadeira, que alguém pode não levar muito a sério, mas, num programa de pós-graduação que reúne quinze, dezesseis professores, em que boa parte deles é oriunda de aposentadoria de boas universidades, como a UFSCar e a Unicamp, ou de universidades estaduais e federais, públicas, aposentados e, em geral, com o currículo já feito, criou-se um clima de baixo nível de concorrência por produção, por orientações, com poucas exceções. Então isso ajudou a gente a sempre manter esse clima tão bom de relacionamento humano. Outra coisa, que eu achava que podia ser levada na base da brincadeira, mas que para mim é séria: já na UFSCar eu me dei conta de que a atividade de reunião para um chope, um jantar e para um churrasco, principalmente, era fundamental para nos mantermos em bom clima de convivência. Aqui na Unimep, lembro que já na primeira semana de planejamento que fizemos, em meados de fevereiro de 1993, eu propus que a gente terminasse a semana com um churrasco. Então tudo o que ocorresse durante a reunião, em termos de melindres e, principalmente, suscetibilidades, por conta de críticas etc., tendia a desaparecer nesse evento, nesse churrasco, nessa reunião... Normalmente, era o que acontecia. Durante muito tempo, os churrascos de fim de reuniões de avaliação, de planejamento, assim como os churrascos de recepção de calouros ou de encerramento do semestre, por mais que não se dê muito valor a eles do ponto de vista pedagógico, sempre foram fundamentais para se manter o clima de bom relacionamento entre nós, colegas, e entre nós e os alunos.

BRUNO – Concordo.

CLEITON – E então, agora, a questão da Capes.

VALDEMAR – A questão da Capes... Veja que a mudança no “Modelo Capes de Avaliação”, com os traços e características atuais, deu-se a partir de 1997-1998. Até então nós estávamos num nível de produção, criando o doutorado, já bastante exigente. Eu me lembro bem que, quando da modificação no currículo, da criação das disciplinas obrigatórias, passamos a ter também um nível de exigência bastante grande quanto à produção. Chegamos a produzir, acredito que antes de 1997, 1998, uma planilha com o nome de todos

os professores, por núcleo de pesquisa, com a produção de artigos, de livros, de trabalhos, enfim, toda a produção, ou seja, nós tínhamos uma preocupação com a produção do programa mesmo antes de se implantar esse modelo. De tal forma que, quando começou a prevalecer esse novo modelo de avaliação, de regulação e controle (acho que isso não é modelo de avaliação, é modelo de regulação e controle) instituído pela Capes, principalmente a partir de 1997, 1998, houve um aumento muito maior da preocupação do colegiado e de todos os professores com a produção e com aquilo que eu, aos poucos, fui caracterizando, com outros colegas, de *produtivismo acadêmico*. Coincidentemente, nesse mesmo ano foi instituído o *provão* para a graduação, iniciou-se o *Processo de Bologna*, e foram editados alguns documentos do Banco Mundial (1994, 1998) importantes para se entender essas mudanças. Depois de nossa primeira nota baixa, nota 3, ao final do biênio 1997-1998. De fato, a mudança do modelo de avaliação da Capes, ou de regulação e controle, nos atingiu, como a todos os programas do País, embora, talvez diferentemente de outros programas, nós já tivéssemos internamente certa preocupação com esse nível de produção. Mas eram quantidade e qualidade: depois, com esse *modelo*, a qualidade já não interessava tanto, passando a ser acentuada em especial a quantidade.

BRUNO – Só uma observação: lá em São Carlos, na casa do Valdemar, a churrasqueira era o local de encontro de todo esse grupo que agora está na reitoria da UFSCar, na prefeitura de São Carlos. Eu cheguei lá, por exemplo, num dia de semana e no domingo seguinte já fui apresentado à turma do churrasco...

VALDEMAR – Durante uns sete anos, de 1981 a 1988, eu diria que, durante o período letivo, nós nos reuníamos de quinze em quinze dias para comer churrasco, jogar truco, tomar chimarrão... Eu consegui fazer com que metade do pessoal tomasse chimarrão... Éramos de vinte a trinta pessoas, casais... E ali era proibido falar de universidade. Essa era uma regra. Outra coisa que posso lhe dizer é que, primeiro coordenei o programa de gestão para a reitoria quando fui candidato a reitor pelo movimento, já na lista sêxtupla de 1984. Depois, na eleição do Sebastião e do Newton, em 1988. Depois, de várias gestões seguintes: do Newton Lima, em 1992; do Rubens Rebelatto, em 1996; e a primeira gestão do Barba (Osvaldo B. Duarte Filho), em 2000... Destas duas últimas eu coordenei a montagem do plano de gestão aqui de Piracicaba. O pessoal de lá montava a equipe (trinta, quarenta pessoas), cada um num setor, mandava para mim o material que ia sendo articulado de acordo com o esquema usual. Daí resultavam os planos de gestão.

CLEITON – Além da vida universitária, como se deu sua participação na política nacional?

VALDEMAR – Comecei pela política institucional sindical, interna, universitária, da qual já falamos. Comecei lá em Ijuí, RS. Em Maringá, presidi a comissão organizadora da Associação de Docentes da UEM, a Aduem. Essa é uma história bem interessante, que também está no *Memorial*. Quando voltei da França, do doutorado, fui indicado para constituir a Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação da UEM. Depois a transformamos em Diretoria.

Como diretor da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, propus ao reitor que ele financiasse a ida de dois professores por Centro (eram cinco Centros na UEM) para a Reunião Anual da SBPC de 1978, na USP, em São Paulo. Ele financiou. Estava em processo a reorganização das Associações de Docentes (ADs) e havia uma comissão, lá no *campus* da USP, que se reunia todo dia. Todo dia tinha reunião de ADs, de gente querendo fundar ADs... Eu me lembro do Antônio Cândido, do Modesto Carvalhosa... Então fizemos o seguinte: cada dia, pelo menos um de nós estaria presente – e eu participei bastante disso. Ao voltarmos para Maringá, reunidos numa sexta-feira, na sala do Conselho Universitário para fazermos o relatório dessa participação, uma vez terminado o relatório, perguntei aos colegas (eu já tinha conseguido uma cópia do Estatuto da Adusp): *O que vocês acham de a gente criar uma associação aqui, agora? Olha, eu acho este modelo (da Adusp) interessante, porque eles colocam aqui que nenhum membro, nenhum professor que tenha função gratificada, ou seja, diretor, chefe de departamento, coordenador de curso, pode fazer parte da diretoria executiva da associação. Acho isso aqui fundamental para criarmos uma associação autônoma em relação à reitoria.* Eu era membro da reitoria, diretor da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação... A proposta foi aceita: cada um de nós convidaria um colega para um jantar, no dia seguinte, sábado, no restaurante *Fim da Picada*, no Maringá Velho. Maringá é uma cidade planejada, mas tinha a vilazinha de origem, Maringá Velho. E aí cada um levou um. Fizemos uma pequena reunião no restaurante, com vinte pessoas, propondo nosso plano, que foi aceito. Ali criamos comissões: de estatuto, de mobilização; comissão disso, comissão daquilo. Cada um ficou encarregado de convidar mais um colega para um jantar na churrascaria *Nova América*, no sábado seguinte, no outro lado da cidade. Então já seríamos quarenta numa churrascaria. Marcamos a criação, a primeira assembleia para criar mesmo a associação, para um dia depois da posse do novo reitor, que era nomeado pelo governador, e era para acontecer na sede do Diretório Acadêmico da Economia (DACE), no *campus* da UEM, e, como alternativa, no anfiteatro do Colégio Estadual Gastão Vidigal, do outro lado da Avenida Colombo. O reitor assumiu a reitoria na sexta-feira e quando soube da convocação de assembleia em que se iria criar uma associação de docentes, teve a “grande ideia” de proibir que fosse feita no *campus*!... [risos]. Fizemos uma assembleia no Gastão Vidigal com uns 130 professores. Eu a presidi e nela defendi essa ideia de que, no Estatuto, constasse que ninguém com função gratificada pudesse fazer parte da Diretoria Executiva... Na segunda-feira fui chamado pelo reitor para me explicar. Ele me disse: *Como você propõe isso? Você preside, coordena e não me convida!?* E eu: *Olha... é o seguinte: nós quisemos criar uma associação autônoma e, para criá-la autônoma, achamos que num primeiro momento só deveria envolver professores, a base, e, o senhor me desculpe, nós não o convidamos porque o senhor era candidato a reitor...* E ficou por isso, mas eu vi que aquilo ficou engasgado. Passados uns dias, o reitor me chamou e disse: *O secretário de educação ligou. Eu andei conversando com o Edson Machado... ele deixou a Capes e me pediu para indicar alguém para trabalhar com ele lá em Curitiba e acho que você é a pessoa indicada.* Eu não quis me envolver e o resto vocês já sabem: tomei a decisão de não ir para lá, mas de aceitar o convite da Federal de São Carlos. Ao chegar à Federal de São Carlos, mesmo nesse período em que eu vinha a cada quinze dias, eu já participava das reuniões da

Adufscar, na Federal e na edícula do João Pedrazzani. Logo em seguida, propuseram minha candidatura a presidente, em substituição ao Newton Lima, que encerrava o mandato, mas não aceitei porque estava com a coordenação do Programa de Pós-Graduação e me sentindo um pouco inseguro ainda. Preferi assumir como vice e, depois, sim, assumir a presidência.

Em 1980, juntei-me aos professores Carlos Olivieri, da Federal, e João Ribeiro, do ensino básico, que moravam na mesma “república” onde iria funcionar inicialmente o núcleo do PT, para discutir a fundação do núcleo de São Carlos. Lembro-me deles dois, do Zé Andrade (da Federal), de uma vereadora que havia deixado o PMDB, mas havia mais gente. Fizemos uma reunião num domingo, no Hotel Marques, e resolvemos criar o núcleo do PT-SC. Depois participei da primeira assembleia de criação do PT no Colégio Sion, em São Paulo. Participei, depois disso, como membro do diretório do núcleo municipal durante 12 anos. Durante muitos anos fui membro da comissão de ética. Algumas vezes tentaram me candidatar a prefeito ou a vereador, mas não aceitei. Preferi sempre a carreira universitária. A partir da primeira candidatura de Lula a presidente da República, passei a contribuir com o programa de governo. Na campanha de 2002 fiz parte da Comissão Nacional de Educação, Ciência e Tecnologia, coordenada pelo Newton Lima (então prefeito de São Carlos), como coordenador, junto com o Héliqio Trindade (ex-reitor da Federal do RS), do setor de educação superior. Durante cerca de um ano fizemos seis ou sete seminários regionais, convocando pessoas, passando questionários e discutindo o plano para educação superior. Participei, como assessor do Newton Lima, na Comissão de Transição de Governo, entre a eleição e a posse de Lula. Nesse período pude contribuir para que se evitasse a aprovação do chamado *imposto educacional*, que era proposto por deputados do próprio PT: todos os que fizessem escola pública não pagariam a escola, mas, depois, como profissionais, pagariam uma contribuição, além do imposto de renda, por toda a vida. Eu me lembro que isso já estava em regime de urgência e conseguimos bloquear sua tramitação.

No Governo Lula, apesar de algumas propostas ou quase-convites, optei por não participar e ficar trabalhando como professor/pesquisador. Achei que era melhor para eu continuar escrevendo de forma mais crítica, autônoma, sobre as políticas de educação superior... Senão eu pararia, não poderia escrever como escrevi sobre o *modelo Capes de avaliação*, sobre as reformas... Enfim, tenho escrito alguns artigos (principalmente o que escrevi em 2004, 2005) para a *Revista de Educación Superior*, mexicana, em que sou bastante duro na crítica. Achei que seria melhor para mim... Houve aquele problema do “mensalão”... Um pouco antes já alguns intelectuais deixavam o PT e fui pressionado a sair também. Cheguei a rascunhar uma carta de saída do PT, mas acabei optando por não entregá-la. Ao chegar a São Carlos, certo dia, num almoço com o pessoal da prefeitura do Newton Lima, os secretários, eu disse que estava pensando em sair. Alguém, não sei quem foi, talvez o Carlos Martins, secretário, me propôs: *Pô, ao invés de você sair, por que não organiza um seminário com todos nós que estamos aqui na prefeitura? A gente discute essa questão, esses problemas que estão surgindo e, ou a gente sai todo mundo junto ou você sai sozinho*. Então comecei a pensar: os problemas que foram criados eram de nível nacional, não eram nem do âmbito do diretório estadual nem, principalmente, do âmbito municipal. E o PT era

todo o mundo, eram os filiados, os vereadores, os secretários, aqueles que assumiram meu lugar, porque fui convidado a ser secretário de Educação aqui em Piracicaba, pelo Machado, e em São Carlos, pelo Newton Lima, e não aceitei, mas alguém assumiu no meu lugar. Então foi isso... minha opção de participação em nível nacional foi a de poder continuar fazendo parte do debate, principalmente fazendo a crítica necessária.

Piracicaba, 1º semestre de 2011.

Dados dos Autores

BRUNO PUCCI

Doutor em Educação: História, Política, Sociedade - Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Educação PPGE – UNIMEP
Pesquisador CNPq

CESAR ROMERO AMARAL VIEIRA

Doutor em Educação Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Educação PPGE – UNIMEP

CLEITON DE OLIVEIRA

Doutor em Educação Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Educação PPGE – UNIMEP

Submetido: 05/03/2012

Aprovado: 11/04/2012